



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Formação de Professores (CFP)
Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo



MARIA DO AMPARO GOMES CARVALHO

**Caminhos de Movimentação: Canal Futuca a Tuia e a juventude das Lavras
Diamantinas**

Amargosa – BA

2019

Maria do Amparo Gomes Carvalho

Caminhos de Movimentação: A juventude das Lavras Diamantinas no Canal
Futuca a Tuia.

Relatório de pesquisa apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação do Campo.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luis Flávio Reis Godinho

Amargosa – BA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/UFRB
Bibliotecário Documentalista: André Montenegro – CRB-5ª / 1515

C331c

Carvalho, Maria do Amparo Gomes.

Caminhos de movimentação: a juventude das Lavras Diamantinas no canal Futuca a Tuia. / Maria do Amparo Gomes Carvalho. – Amargosa, BA, 2019.

76 fls.; il. color.; 30 cm.

Orientador: Prof. Drº Luís Flávio Reis Godinho.

Relatório científico (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA, 2019.

Bibliografia: f. 72-75

Inclui Anexo.

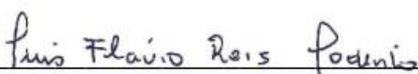
1. Educação do Campo. 2. Educação. 3. Trabalho. I. Godinho, Luís Flávio Reis. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD – 379

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO

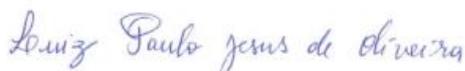
Relatório teórico-metodológico apresentado à banca examinadora para fins de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/Centro de Formação de Professores – CFP, como requisito para conclusão do curso.

COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DO PRODUTO FINAL
DE MARIA DO AMPARO GOMES CARVALHO



Prof. Dr. Luís Flavio Reis Godinho

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Orientador)



Prof. Dr. Luiz Paulo Jesus de Oliveira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Membro Externo)



Prof.^a Dr.^a Daniela Abreu Matos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Membro Externo)

Dedico este trabalho a todos os povos camponeses, das florestas e das águas, a toda mulher e homem que ousa sonhar com uma sociedade melhor e a toda juventude que carrega a força militante e o desejo de revolucionar. A todos que seguem firmes na luta e na labuta.

AGRADECIMENTOS

Nas andanças da vida hora sou abelha, hora passarinha, caminhante, andarilha, viageira desse mundo largo. Às vezes alço voos, às vezes repouso minhas asas. Os passos até aqui me levaram a várias andanças. O caminhar e a labuta dos últimos tempos foram árduos, a trilha que percorri durante o mestrado desde o início até a conclusão foi compartilhada com muitas pessoas, foi tecida por várias mãos das pessoas que estão ao meu redor, na torcida pela minha caminhada, por isso fiz questão do agradecimento, compreendendo que não estive sozinha nesse percurso e se estivesse, não estaria aqui. Ousar ser pesquisadora na condição de trabalhadora e mãe foi angustiante e muito desafiador, muitas vezes doloroso, mas “eu nasci entre o velame e a macambira, quem é você pra derramar meu mungunzá?”. E assim segui: um passo de cada vez, ultrapassei limites (físicos e emocionais) que eu nem imaginava ser capaz.

Minha gratidão primeiramente a uma força maior existente no universo, que pra mim se apresenta em forma de NATUREZA. Aos guias e protetores que abrem as veredas da mata fechada e desconhecida!

A família, pai e mãe (**Pedro e Remédios**), irmãos (**Hilton, Bebel e Gilson**) e sobrinhas (**Nayara, Nayane e Mayra Sofia**), que mesmo distante fisicamente se fizeram presentes em mensagens, telefonemas e nas energias positivas que me transmitem em nossos encontros. Quem diria que aquela jovem camponesa que ousou adentrar outro campo, o do conhecimento acadêmico, e deu a alegria do primeiro “diploma” da família, hoje dá o primeiro título de MESTRA? Pois é, devo em parte a vocês, meu alicerce.

Meus sinceros agradecimentos à juventude camponesa da Chapada Diamantina, que abrilhantaram esse trabalho prazeroso, em especial Ariele e Wéliton, meus educandos do curso Técnico em Agroecologia e apresentadores do Futuca a Tuia. Agradeço a todos os camponeses e as camponesas que abriram suas porteiras, nos convidaram pra sentar e conversar e nos mostraram seus universos, riquezas e conhecimentos.

Lívia Froes e Orlando Nascimento (Bicho das Brenhas), eu acredito que tenho uma missão por essas bandas de cá e quando vejo meu caminho cruzando outros caminhos e me levando a conhecer figuras como vocês, fico mais convicta da bela missão que tenho. Obrigada pela amizade, pela confiança depositada em mim para tocar em parceria com vocês

o projeto Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural e por todo apoio e companheirismo nesse caminhar.

Grata a minha amiga irmã e companheira, mulher guerreira Kriscia Argolo, pelo incentivo, pelas palavras, pelo apoio e pela partilha do cuidar das nossas crias. Grata também a mestre André, seu companheiro, pela partilha das labutas nessas terras de cá.

Gratidão aos colegas do Mestrado. Aprendi muito com todos e todas, em especial as minhas amigas Lídia Barreto, Marta Santana e Andréia Neiva, vocês têm uma parcela de contribuição em todo esse processo. Vocês me apoiaram no momento mais punk do mestrado, logo ali, segundo componente obrigatório, e foi por essa força, por serem verdadeiras e amigas que continuamos tecendo outras lutas, pisando outros espaços e na certeza que seguiremos construindo diversas coisas juntas “ninguém solta a mão de ninguém”, seguimos na “sororidade”.

Agradeço ao melhor de mim, fora de mim, minha pequena Olga Flor que sempre me acompanhou nessa travessia, desde seu primeiro aninho nessa labuta, no ir e vir, no esquentar e esfriar, no estresse e no acalmar, no adoecer e no “vai ficar tudo bem”. Só nós duas sabemos o quanto foi difícil chegar aqui. Ao meu companheiro, Raumi Souza, pelo apoio, por fazer minhas asas repousarem, pela força, companheirismo e por me acalmar nos momentos agitados, pelo AMOR em construção nesse trilhar lado a lado.

Agradeço a Liliane, que também me acompanhou nessa jornada, ajudando no cuidar da minha pequena, sem ela essa caminhada teria apenas iniciado. E agora ela também está nessa caminhada na Licenciatura. Agradeço também a Vanessa, que nesse finalzinho de labuta se soma conosco no cuidar da minha pequena.

A Eliane, presente em vários momentos (desde a prova) e sempre solícita a ajudar nas horas de perrengues. Muita gratidão pelo exílio nas tardes de escritas, sua casa foi de fundamental importância no momento mais necessário dessa caminhada.

Aos professores e professoras do programa que muito contribuíram na minha evolução, em especial à professora Terciana Vidal que me acolheu no tirocínio e me proporcionou uma vivência inesquecível.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luis Flávio Reis Godinho, pelo ser humano que é, pela nossa parceria e comunicação que se encaixou, pelas orientações e contribuições na evolução dessa caminhada. Pelo presente que foi escrever esse trabalho, me rasguei pelo avesso a cada parágrafo escrito sobre as juventudes do campo, pois pra mim, foi contar minha história.

À banca examinadora: Prof. Dr. Luís Paulo Oliveira pelas contribuições relevantes nesse processo; e à Prof.^a Dr.^a Daniela Mattos por ter aceitado nosso convite e por ter contribuído com tanta paciência para o melhoramento da conclusão desse trabalho.

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Givigi pela força e por acreditar nesse trabalho, pela boa energia e saber que transmite.

Muito obrigada!

REINVENTAÇÃO

Neste tempo, aparentemente opaco, sem sonho

Onde todas as manhãs amanhecem cinzentas, sem cores

Há mãos tecendo o tempo que a utopia anuncia

Há palavras reinventando os verbos, os adjetivos, ressignificando o diálogo

Em tempos de tantos monos e monólogos

Em tempos de tantos medos

Há corações e mentes pulsando a rebeldia

Em tempos de tantas inteligências e racionalidades

Há intuições filosóficas vendo as coisas que parecem invisíveis

Em tempos onde os textos banais e fúteis esgotam a coerência da palavra

As tantas indignações que perpassam o tempo, recriam as palavras tornando-se

inesgotáveis

Neste tempo sem brilho na tela da vida há olhares cheios de luz, mirando outro caminho

Neste tempo cheio de incômodos e desafios

Cabe-nos redesenhar como queremos nos ver noutra sociedade

Ai então saberemos o tamanho de nossas tarefas

E o significado de nossa responsabilidade.

DERLI CASALI

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relatório do estudo sobre o canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural, Produto Final de Conclusão do Programa de Pós-Graduação do Curso Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O objetivo deste estudo é mostrar a trajetória do canal e analisar sucintamente alguns episódios, apontando alguns debates centrais sobre a juventude do campo. Este estudo, intitulado **Caminhos de Movimentação: Canal Futuca a Tuia e a juventude das Lavras Diamantinas**, tem como orientador o professor doutor Luís Flávio Reis Godinho e adotou a pesquisa qualitativa como processo metodológico. O Canal Futuca a Tuia teve como objetivo promover um espaço de protagonismo de jovens do campo e difundir esses olhares sobre questões diversas, tendo em vista as especificidades dos modos de vida da população do campo. A partir da análise da juventude do canal, buscamos abordar as categorias pertinentes ao debate da juventude do campo e às estratégias de permanência no campo. São diversos os temas que compõem os episódios do canal, porém é válido ressaltar que as categorias Trabalho e Educação atravessam a juventude camponesa, por possuírem uma relação de identidade. Trabalho e Educação são atividades essencialmente humanas, em que o Trabalho faz a Educação e a Educação transforma o Trabalho.

Palavras chave: Juventude, Juventude do campo, Trabalho e Educação.

ABSTRACT

This paper is a report of the study about the Futuca a Tuia channel - The Rural Youth Channel, Final Product of the Completion of the Postgraduate Program of the Professional Course in Rural Education of the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB)). The aim of this study is to show the trajectory of the channel and briefly analyze some episodes, pointing out some central debates about the youth of the countryside. This study entitled - Paths of Movement / action: Canal Futuca a Tuia and the youth of Lavras Diamantinas, is guided by Professor Luís Flávio Reis Godinho. This study adopted qualitative research as a methodological process. The Futuca a Tuia Channel aimed to promote a leading role for young people from the countryside and to disseminate these views on various issues, given the specificities of the rural population's ways of life. And from the analysis of the channel's youth, we sought to address the categories pertinent to the rural youth debate and the strategies for staying in the countryside. There are several themes that make up the episodes of the channel, but it is worth noting that the categories Work and Education cross the peasant youth, for having a relationship of identity. Work and Education are essentially human activities, where Work does Education and Education transforms Work.

Keywords: Youth, Rural youth, Work and Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
CETEP-CD I	Centro Territorial de Educação Profissional da Chapada Diamantina I
CFP	Centro de Formação de Professores
COOPE Capão	Cooperativa do Capão
EPI	Educação Profissional Integrada
EVAs	Espaço de Vivências Agroecológicas: saberes e sabores
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNCF	Programa Nacional de Crédito Fundiário
PROSUB	Profissional Subsequente
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
SAF	Sistema Agroflorestal
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNESCO	Organização das nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 Imagem da página do canal do Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural --- 54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO - Tecendo as primeiras palavras-----	13
2	CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DA CHAPADA DIAMANTINA	18
3	METODOLOGIA - Trilhando o caminhar-----	22
3.1	Execução do Canal - Atividades desempenhadas durante produção-----	25
4	TEMÁTICA: Juventude e Juventude do Campo - parafraseando conceitos-----	26
5	JUVENTUDE: Trabalho e Educação -----	34
5.1	Trabalho e Educação no Campo-----	37
6	JUVENTUDE CAMPONESA E OS NOVOS MODOS DE VIDA -----	42
6.1	A agroecologia e a permanência do jovem no campo-----	44
7	TERRITÓRIO: Desenho do Produto-----	51
7.1	Nota Introdutória: Caminhos de movimentação -----	52
7.2	Desenho do produto – Futuca a Tuia: O canal da Juventude Rural -----	54
7.2.1	Os episódios escolhidos -----	57
8	CONSIDERAÇÕES-----	70
	REFERÊNCIAS -----	72
	ANEXOS -----	76

1. INTRODUÇÃO – Tecendo as primeiras palavras

Nasci em 1986, em uma comunidade denominada Angico Torto/Chapada do Mocambo, localizada no município de Picos, no estado do Piauí. Tive uma infância arraigada na terra, vivenciando todo o processo de produção em uma região semiárida, cuja base se dividia em duas épocas distintas: período de chuva (dezembro a março), o milho, o feijão, os legumes; e no período seco (junho a outubro), beneficiamento da mandioca e colheita do caju e nas entressafras, coleta de mel.

Sempre participei de todas as atividades de produção – dentro das minhas “limitações” de criança e depois adolescente –, desde o preparo da terra, quando usávamos um arado de aiveca¹ puxado por burros ou bois, até a colheita. E nesse processo conheci e vivi o patriarcado e a divisão do trabalho na pele, porém somente mais tarde fui compreender tudo isso — uma menina participativa, cheia de sonhos e expectativas. Gostava de frequentar as reuniões da associação junto com meu pai. Tenho três irmãos mais velhos, dois deles não concluíram o ensino médio, mas sempre me apoiaram e incentivaram a seguir estudando, até me formar.

Em 2006, entrei na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, no curso de Engenharia Agrônômica, com muitas expectativas, e logo no início dos estudos me deparei com diversas contradições no curso. Dentro da Universidade, em alguns momentos questionava que conhecimento era aquele. Onde estava a contextualização de tudo aquilo com a nossa realidade, com a nossa caatinga e com o “nosso viver”? Fiquei sem respostas, era tudo voltado para um “desenvolvimento rural”, norteados pelo capitalismo, alicerçados pelo agronegócio.

Havia ingressado na Universidade no intuito de adquirir conhecimentos para contribuir de forma mais ativa na minha comunidade, juntamente aos produtores, pois tinha a esperança de colaborar com a organização da mesma e assim cooperar para a melhoria na qualidade de vida de todos que ali residiam. Durante essa trajetória, lecionei durante seis anos no Fundamental I na escola municipal da minha comunidade, podendo desenvolver uma educação diferenciada com as crianças, tendo como base a realidade local em que estavam inseridos.

¹ Arado usado com tração animal.

Em 2010, concluí o curso cheia de inquietações, pois precisava vivenciar o que de fato eu acreditava e defendia. Então, em 2011, passei por uma seleção de chamada pública de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER, para atuar em um projeto no Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA. Iniciei o trabalho de ATER e, após três meses de projeto, passei a fazer parte da militância do movimento articulando grupos de base. Passei por vários processos de formação de militantes e intercâmbios, o que considero mais importante deles foi realizado em Cuba, no qual conheci todo o processo de transição agroecológica e o método campesino a campesino. No MPA, atuei nos Coletivos de Produção Baseada na Agroecologia; no Coletivo de Gênero, discutindo sempre o empoderamento feminino e a produção da mulher; e, por último, no Coletivo de Formação e Educação, no qual exerci a função de supervisora da pesquisa “Educação do campo no Piauí e Desafios da municipalização da política” e da Especialização em Educação do Campo da UESPI. Em 2012, conheci meu companheiro, baiano e militante do MST, e em 2013 decidimos trilhar juntos nossa caminhada no território diamantino na Bahia.

Aqui na Bahia, no município de Wagner, na Chapada Diamantina, passei em um processo seletivo para trabalhar em Regime Especial de Direito Administrativo – REDA. Me tornei professora do curso Técnico em Agropecuária no Centro Territorial de Educação Profissional da Chapada Diamantina I – CETEP-CD I, e por minha atuação e intervenção direta em defesa da agroecologia, a escola conseguiu em 2015 implantar o curso Técnico em Agroecologia, do qual sou educadora e articuladora. Vivencio uma experiência única e ao mesmo tempo desafiadora com uma juventude que sonha, que anseia e que vive os mesmos conflitos que vivo, enquanto uma jovem do campo circulando em espaços que nos discriminam por essa condição.

Tanto no CETEP-CD I quanto no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, na região da Chapada Diamantina, desenvolvo uma atuação militante em defesa da agroecologia e de meios alternativos para a superação do capitalismo. No município em que moro, tenho uma atuação direta com o Assentamento São Sebastião de Utinga, um dos primeiros do território. Os filhos dos assentados que ingressam no Ensino Médio estudam no CETEP-CD I e, em sua maioria, optam pelo curso Técnico em Agropecuária, alguns compram a propaganda de ser melhor para ingressar no mundo do trabalho, tendo em vista uma formação que prepara os jovens para atuarem principalmente nas grandes fazendas do

agronegócio no oeste baiano. Vale destacar que apenas os meninos são cogitados para as vagas de empregos nessas fazendas, as meninas geralmente nem concluem o estágio.

E é nessas travessias e andanças que esse trabalho apresenta a caminhada do canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural, o qual se tornou o produto de conclusão do Mestrado Profissional em Educação do Campo apresentado ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e ao Centro de Formação de Professores (CFP), Amargosa – Bahia. Os temas que constituem o objeto desse estudo – juventude, juventude camponesa, trabalho e educação e agroecologia – estão imbricados na minha vivência, militância e atuação profissional atualmente.

Sendo assim, o objetivo central desse estudo foi relatar circunstancialmente o canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural, focando principalmente em mostrar uma juventude que vive no campo, na Chapada Diamantina. Aliamos esse objetivo central aos objetivos específicos delimitados como: I – Abordar temas centrais no debate das juventudes do campo, seu elo com Trabalho e Educação e seus modos de vida no campo; II – Mostrar o percurso do canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural; III – Analisar e mostrar o lugar do jovem do campo no canal Futuca a Tuia.

Peço licença para usar a primeira pessoa novamente e enveredar nos caminhos que me trouxeram à aproximação dessas categorias. O meu interesse pela categoria **juventude rural** se justifica por minha raiz camponesa, por minha origem em uma comunidade rural, localizada em solos picoenses do semiárido piauiense, onde nasci, cresci e vivi e por minha experiência e vivências na militância do MPA. E meu interesse pela categoria trabalho e educação e agroecologia está associado também à minha militância, porém se intensifica a partir do ano de 2013, quando iniciei como educadora na educação profissional no CETEP-CD I, no qual comecei a refletir sobre como juventude, educação e trabalho estão atravessados no projeto de disputa do capitalismo.

Ao iniciar como educadora no CETEP da Chapada Diamantina I, no mês de agosto de 2013, segundo semestre em andamento, no curso Técnico em Agropecuária, abordei nas minhas aulas sobre produção orgânica, agroecologia, agrotóxico e transgênicos — até então, debate desconhecido para todas as turmas. Difícil segurar esse debate quando todo corpo docente do curso não compactua com o mesmo, e assim as aulas foram se tornando um cansativo processo de construção e desconstrução na aula seguida à minha. No ano de 2015, iniciou o curso Técnico em Agroecologia em duas modalidades, Educação Profissional Integrada – EPI e Profissionalizante subsequente – PROSUB. No mesmo ano, iniciamos um

projeto na escola intitulado “Espaço de Vivências Agroecológicas, saberes e sabores – EVAs”. Esse espaço passou a ser então a área de realização de práticas e vivências das turmas e, conseqüentemente, a compreensão da Agroecologia como forma de se pensar outra sociedade e outro campo.

A escolha da temática juventude do campo articulada com trabalho e educação parte de um lugar onde sempre estive e vivi, as tensões e angústias que cercam os jovens do campo, um lugar visto como espaço sem vida e sem perspectiva, o espaço do atraso. Como jovem do campo, senti todas as problemáticas que entrecruzam a juventude camponesa, todas as questões que nos inquietam e angustiam. Na militância no MPA, me aproximei de debates e reflexões sobre a categoria juventude e passei a compreender que discutir juventude implica refletir sobre como ela é disputada pelo capitalismo e como o mesmo cria artimanhas para não garantir condições que atendam às expectativas da juventude do campo e ao mesmo tempo “vender falsas utopias”.

Os estereótipos que circundam a população camponesa é um dos diversos motivos que levam a juventude a migrar do “rural para o urbano”, a escolher entre “ir e ficar”, entre ser “alguém na vida” ou não. Adentrando um pouco mais no universo juvenil dos jovens educandos dos cursos técnico em Agropecuária e técnico em Agroecologia do CETEP-CD I, onde convivo com as “duas juventudes”, do campo e urbana, vários questionamentos e reflexões me atravessam, os quais me motivaram a definir as questões norteadoras e o reconhecimento da importância desse estudo. Vivencio com jovens que terminam o curso técnico e migram para o oeste baiano para trabalharem nas fazendas do agronegócio, vivencio com jovens que fazem o curso técnico apenas por falta de opção e vivencio ainda com jovens que gostam do curso e que, depois da conclusão do mesmo, querem melhorar as condições materiais de existência em seu espaço e permanecerem no campo.

A relevância social desse trabalho se evidencia pela proposta do canal em proporcionar um espaço que instiga e provoca reflexões, dadas pela juventude e, ao mesmo tempo, traz uma quebra de estereótipos que cercam o campo. Vale então salientar que o campo aqui se trata de uma concepção que contrapõe a concepção hegemônica do conceito de meio “rural”, apresentado como local de atraso, de sujeitos ignorantes, sem culturas, inferiores e tendentes ao desaparecimento. O campo é produtor de vidas, naturais e humanas. Para Brandão (2012, p. 9), “o campo é um espaço de desenvolvimento do conhecimento e da consciência, espaço de convivência, moradia, cultura e produtividade”, é nesse lugar que se dá

a produção de culturas, de saberes e de formação humana da vida para a vida. E é desse lugar que a juventude ousa falar.

E, assim, o espaço do campo bem como o trabalho do camponês é visto de forma negativa, associado à experiência e características de pessoas e de um lugar atrasado em contraposição do moderno – a cidade. Sendo assim, o Canal Futuca a Tuia proporcionou a divulgação de diversas iniciativas, temas e categorias postos e emergidos durante todo o desenvolvimento do projeto pela juventude e população camponesa no território da Chapada Diamantina.

2. CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DA CHAPADA DIAMANTINA

O Território de Identidade Chapada Diamantina localiza-se majoritariamente no Centro Sul Baiano, ocupando uma área aproximada de 32.664 km² (SEI, 2019) e correspondendo a quase 5,7% do território estadual. É composto por 24 municípios, que juntos somam uma população total de 395.620 habitantes (SEI, 2019).

Território esse que nos remete a viajar em suas lavras diamantinas, cheias de riquezas, explorações, conflitos, guerras e disputas territoriais. Lugar marcado por muitas lutas e mortes, por assassinatos indígenas e limpeza do campo para instalação do negócio no campo. Através da descoberta dos diamantes, esse território até então pouco povoado tornou-se uma das regiões mais dinâmicas da Bahia. Os garimpeiros vieram de todos os lugares, e assim as pequenas povoações foram dando lugar a uma sociedade diversa. As lavras diamantinas historicamente são marcadas pela presença de jagunços e coronéis, sendo o mais famoso deles é o Coronel Horácio de Matos².

O Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário do Território da Chapada Diamantina – PTDS, (CODETER, 2016, p. 2) aponta que:

A historiografia registra, também, que desde o processo de colonização do Brasil observou-se a existência de um forte fluxo migratório de povos do litoral, de língua Tupi, em direção ao São Francisco, atravessando, portanto, a Chapada Diamantina e deixando suas marcas, no intuito de resistir e se proteger do extermínio que se efetivava no litoral. Assim, cada localidade da Chapada Diamantina carrega as marcas da ocupação indígena, seja em suas práticas culturais, como a forte presença indígena nos cultos do Jarê, seja na própria presença física de grupos, ou mesmo indivíduos, auto identificados e espalhados em cada canto deste território.

A Chapada Diamantina é um “território conhecido por ser uma das principais atrações turísticas do Brasil e por possuir inúmeras belezas naturais, mas ao mesmo tempo é desconhecido pela grande importância no fornecimento de água para o estado baiano” (PASSOS, 2017, n.p). Essa região é alvo de interesse de grandes empresários e produtores

² Foi o coronel mais famoso da Chapada Diamantina. Na década de 20 comandou um exército de jagunços (batalhão patriótico) nas Lavras Diamantinas, que combateu a Coluna Preste, perseguindo-a até a fronteira com a Bolívia.

rurais e, à medida que a economia capitalista e o agronegócio avançam sobre as terras diamantinas, conseqüentemente seus rios vão morrendo. Isso acontece devido ao mau uso da água, à destruição da mata ciliar em função da produção agrícola, esta feita com o uso intensivo de agrotóxicos e sem preocupação com a preservação das nascentes. Logo, as comunidades tradicionais são vítimas diretas desse impacto, pois utilizam a agricultura familiar como mecanismo de autossustentação e preservação e ultimamente vêm sofrendo com o avanço do capital no campo, em nome da agricultura moderna/agronegócio.

A bovinocultura é uma das atividades pecuaristas que se encontra em todo este território, predominando a criação de gado de corte. A produção de leite é menor e sua maior parte se destina ao beneficiamento em cooperativas regionais. Além da bovinocultura, também existe a criação de caprinos e ovinos que merecem destaque, além da criação de peixes, abelhas e aves em quase todos os municípios do território. Em toda a extensão territorial, a produção agrícola se destaca principalmente nos ramos da fruticultura, cafeicultura, hortaliças e alimentos básicos.

A agricultura familiar, por sua vez, por mais que seja a principal atividade econômica da população do território, alcança pouco destaque econômico. Em toda a extensão territorial da Chapada Diamantina, os principais produtos comercializados pela agricultura familiar são: café, cana-de-açúcar, fruticultura, mamona e mandioca (CODETER 2016, p. 10).

A produção dos alimentos básicos é o que garante a renda familiar e também a soberania alimentar das famílias.

Nesse espaço, o Canal Futuca a Tuia trouxe jovens do campo mostrando temáticas pertinentes à sociedade e provocando reflexões, explicitando suas vozes, contando e mostrando experiências sem a representação de porta-vozes de um grupo juvenil, estabelecendo conexão com o público de outros territórios e fortalecendo assim uma identidade construída aos poucos, a cada episódio.

A ferramenta audiovisual possibilita uma produção acadêmica com o uso de uma linguagem, que proporciona de fato o diálogo com a realidade objetiva do espaço da pesquisa, onde os sujeitos sejam protagonistas e não meros espectadores-objetos. A produção audiovisual vai além do cotidiano visível, ela expõe a imagem da realidade, revelando suas camadas mais profundas (GOMES et al., 2015).

Cabe aqui refletir que a maioria das produções acadêmicas são textos em forma de artigos e/ou dissertações com linguagem que se torna incompreensível para as pessoas que não estão habituadas a esse tipo de leitura. É preciso pensar outras estratégias de produções acadêmicas, que venham proporcionar o fortalecimento de comunidades do campo e a ressignificação de identidades. Portanto, é de extrema importância discutir dentro da academia o uso de outras linguagens mais acessíveis que reflitam sobre a condição de vida atual dos jovens e da população do campo em geral. Nesse contexto de questões e reflexões aliadas às discussões teórico-metodológicas que embasam este estudo, o questionamento ficou assim delimitado: Quais os debates centrais que circundam a juventude do campo nos últimos anos?

Este estudo tem como inspiração o Materialismo Histórico Dialético, partindo do princípio de que a realidade é material. Na perspectiva de alicerçar este estudo no que se refere à categoria Juventude e Juventude do Campo, mergulho nos escritos dos/as autores/as como Carneiro e Castro (2007), Castro et al. (2009) e Pais (1990). Esses autores/as trazem em suas abordagens a busca pela conceituação da categoria Juventude; as dificuldades da juventude camponesa em permanecer no campo; e as conquistas da juventude, consolidando o protagonismo juvenil nas últimas décadas.

Nesse enredo, seguimos evidenciando as categorias Trabalho e Educação imbricadas nesse estudo, por terem uma grandeza fundante na compreensão do “ser jovem do campo”. Os estudos sobre essas duas categorias que se articulam intrinsecamente na formação identitária da juventude camponesa partem das análises de produções acadêmicas pelos escritos de Marx (1989), Frigotto (2012), Caldart (2012), Molina (2012), Saviani (2007), Alentejano (2009), Sousa (2012), Ribeiro (2012), Vendramini (2007), Guimarães (2004), etc. que nos ajudam a buscar a compreensão de como se dá a materialização dessas duas categorias em um projeto educacional hegemônico para o campo em um cenário de disputa.

No debate da juventude e novos modos de vida, analisamos as produções de Brumer, Abramo (2007), Silva e Menezes (2007), Ferrari e Moura (2016), Silva e Castro (2009), que apontam um debate crucial na compreensão da juventude do campo nas últimas duas décadas. Os/as jovens do campo são sujeitos de direitos em luta pela superação da visão preconceituosa do “rural” e por uma vida digna no campo, que somente será possível através de uma educação contra-hegemônica.

Este estudo está dividido em três blocos. No primeiro bloco, intitulado de “Metodologia – Trilhando o caminho”, apresentamos embasamentos teóricos da pesquisa, a escolha da pesquisa e o “ir e vir” dessa caminhada. No segundo bloco, traçamos um diálogo

com as principais categorias do estudo – Juventude e Juventude do campo; Juventude, trabalho e educação; juventude e novos modos de vida –, apontando os principais conceitos e compreensões que embasam este trabalho. O terceiro e último bloco, destinamos para uma apresentação de alguns episódios do canal Futuca a Tuia.

É preciso ter clareza do momento histórico em que se dá a construção desse estudo, um momento pós-golpe de 2016 e após a prisão política do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. São tempos trulentos, de retrocessos imensuráveis após a posse de um governo neoconservador. Muita perda de direitos dos trabalhadores/as conquistadas com muita luta e sangue derramado. É preciso ter firmeza para enfrentar os desafios e continuar na luta, na labuta e na resistência.

3. METODOLOGIA – Trilhando o caminhar

Toda trilha tem suas belezas, mas também seus desafios, as pedras alicerçam os passos e edificam o caminhar...

(Mocinha Carvalho)

No caminhar da investigação, é necessário traçar caminhos metodológicos que nos ajudem a encontrar as respostas dos questionamentos que buscamos em nossas inquietações no processo de investigação. Quando se trata de conhecimento científico, temos que considerar, além do resultado final, todo processo do percurso da investigação, da coleta e organização, análise, interpretação e sistematização desse conhecimento. Ao caminharmos por nossas escolhas, percebemos as riquezas que esse trilhar nos proporciona ao investigar, ao pesquisar. Para explicar a concepção de pesquisa, Minayo (2002, p. 17) nos diz que:

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente a realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

A realidade é objetiva e ao vivenciá-la é possível transformá-la. Isso remete a compreender o relacionamento entre conhecimento e ação. O conhecimento é histórico e social, uma necessidade para a ação e pode ser um instrumento de libertação ou opressão. O conhecimento tem seu sentido na relação com a realidade, ele nasce da prática com o mundo (LUCKESI, 1985).

Adotamos para o presente estudo como metodologia a pesquisa qualitativa, que tem seu foco no subjetivo do objeto analisado. No enfoque da pesquisa qualitativa, é possível o pesquisador/a aprofundar-se na compreensão do fenômeno estudado, como por exemplo, as ações dos sujeitos ou coletivos em seu espaço ou conjuntura social, sem se preocupar com a representatividade numérica. A interpretação do estudo parte da perspectiva dos próprios sujeitos que compartilham da situação. Portanto é imprescindível em um processo investigativo partir da interação entre objeto de estudo e pesquisador, o registro dos dados ou informação e a interpretação do pesquisador.

Para Godoy (1995, p. 21), “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Minayo (2009, p. 21) traz uma importante contribuição no que se refere ao entendimento do que se trata a pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

A autora enfatiza ainda que a pesquisa é um ciclo que inicia com uma questão e pode terminar com uma resposta ou um produto: “o ciclo da pesquisa não se fecha, pois, toda pesquisa produz conhecimento e gera indagações novas” (MINAYO, 2009, p. 27).

No presente estudo, o público-alvo específico são os jovens moradores da zona rural da Chapada Diamantina, mostrando modos de vida, modos de produção, modos de existência e resistência no campo. O Canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural, é fruto do Edital Nº 03, de 05 de julho de 2017 – Juventude Vlogueira: Canais culturais na Web e teve como proponente a apresentadora Ariele de Andrade Nunes, obedecendo uma das normas de exigências contidas no edital, no qual o/a proponente teria que ser um/a jovem que tivesse entre 15 e 29 anos e que o/a mesmo/a fosse um/a dos/as jovens que mais aparecesse no canal. Após aprovação da proposta submetida, os passos metodológicos seguidos para a construção do projeto se deram, em primeiro lugar, pelo levantamento dos temas pertinentes à juventude e ao campo. E, com isso, buscou-se provocar uma difusão do olhar da juventude em torno dela mesma.

Cada tema foi definido dentro de um planejamento, a partir da compreensão de se pensar o envolvimento de todos os participantes no processo, mesmo não estando o coletivo em todas as atividades desenvolvidas. Desta forma, garantiu-se a não reprodução da divisão social do trabalho, mas sim a divisão coletiva das tarefas e das definições no que se refere aos

aspectos centrais de estrutura de cada episódio, como planejamento das “cabeças”³ de cada bloco e filmagens, debate do roteiro, etc.

A escolha dos temas em sua maioria foi definida no escopo do projeto do edital, porém após a aprovação, alguns temas foram surgindo no desenvolver dos episódios, conforme a equipe sentia necessidade de explicar determinados assuntos presentes em situações específicas. Por isso, alguns temas definidos inicialmente não chegaram a aparecer nos episódios, em virtude de outras demandas. O Futuca a Tuia foi se materializando a partir da estruturação dos programas/episódios. Os programas eram quinzenais – dois programas por mês –, contendo três blocos principais, que abordam temáticas diferentes, assim definidos: “Senta aí pra conversar”, “Abre a porteira” e “É o bicho”.

O “Abre a Porteira” é o bloco que fala do que é novo, novos conceitos, experiências, ideias, novas formas de se olhar o mundo, pessoas ou instituições que trazem um novo olhar para o que está a nossa volta. O “Senta aí pra conversar” é o bloco em que o público colabora na construção do canal a partir de propostas deixadas nos comentários dos vídeos e incorporadas aos programas futuros. O “É o bicho” é o espaço para trocar experiências sobre o trato e a relação das pessoas com os animais de criação.

Além desses três blocos, o canal também conta com o “Quem é Você”, que conta com a contribuição dos seguidores do canal em sua construção, o espaço para as pessoas “futucarem”, se apresentarem e colocarem o que acham do canal e dar sugestões de temas que gostariam de ver nos próximos episódios.

Diante da relevância do canal, optamos por realizar, através da pesquisa qualitativa, esse estudo do canal Futuca a Tuia, buscando aporte na pesquisa bibliográfica para levantar informações necessárias na contextualização desse estudo investigativo. O produto final desse estudo investigativo está sendo difundido em vários meios e cenários. Até março de 2019, o canal possuía 401 inscritos e 9.400 visualizações⁴, tendo ganhado repercussão em vários espaços, sendo divulgado e utilizado em diversos ambientes, desde espaços educativos, como salas de aula e espaços de formação no geral, que sejam pertinentes às temáticas abordadas no canal.

³ Cabeças são as chamadas de abertura anunciando os temas dos episódios.

⁴ Última verificação do número de visualizações no dia 19 de março de 2019.

3.1 Execução do canal – Atividades desempenhadas durante a produção

A execução do Canal se deu em três etapas distintas, sendo elas: I Pré-Produção; II Produção/Execução/Filmagens; e III Pós-produção/Finalização. Vale ressaltar que a Pré-Produção iniciou antes mesmo da aprovação da proposta submetida, ela aconteceu desde a escrita, o escopo da proposta. Nesta, houve a definição da equipe técnica, levantamento dos equipamentos necessários, definição de locações necessárias, os serviços executados da proposta e as diversas medidas burocráticas.

Após a aprovação, a Pré-Produção ganhou mais elementos e entraram em cena as articulações e parcerias. Esse foi o momento de realização de pesquisas sobre as temáticas e discussões pertinentes, da construção dos roteiros, do teste dos equipamentos, planos de filmagens, montagem de cenários (quando necessário), figurinos, objetos e veículos de cena e outros meios utilizados no processo de filmagem.

A Produção/Execução foi feita conforme um cronograma para esse fim. Nesta etapa, realizaram-se as filmagens utilizando os equipamentos e maquinários necessários para as técnicas de filmagem em cena ou situação de gravação de cada programa/episódio. A Pós-Produção é a etapa de finalização, caracterizada pela realização dos cortes, edição de som e imagem, onde se tira ruídos, acrescenta letreiros, se faz tratamento gráfico/efeitos visuais e trilha sonora. Essa etapa era realizada pelo videomaker Orlando Nascimento e as assistentes de produção.

Vale ressaltar que, diante da proposta do canal, os episódios não se davam por finalizados após o trabalho de edição, pois é aí onde se iniciava a tarefa de disseminar (divulgar), abrindo assim para ações e debates dentro dos diversos espaços que o canal alcançou e ainda tem alcançado.

4. TEMÁTICA: Juventude e Juventude do Campo – parafraseando conceitos

Então me abraça forte
E diz mais uma vez
Que já estamos
Distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo

Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes
Acesas agora
O que foi escondido
É o que se escondeu
E o que foi prometido
Ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens
Tão jovens
(Legião Urbana)

Para começo de conversa, é necessário refletir sobre o seguinte questionamento: o que chamamos de “jovem?”. O termo jovem, usado desde o século XIX pelo senso comum e espaços acadêmicos e não acadêmicos, perpassa por uma concepção geracional, em que a idade aparece como forma de identificação (CASTRO, 2012). Segundo Castro (2012, p. 437), “A identificação de uma população como jovem por meio de um corte etário aparece de forma mais clara em pesquisas da década de 1960”.

No período pós-guerra, o corte etário de identificação do ser jovem se dava nos limites de 15 a 24 anos, adotados por órgãos internacionais como a Organização Mundial da Saúde – OMS e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, limitando o conceito de juventude com base apenas na entrada do jovem no mundo do trabalho como limite mínimo, e, como limite, máximo sua saída da escolarização formal básica–ensino médio. “É meramente um período de transição entre a adolescência e o mundo adulto” (CASTRO, 2012, p. 437-438). Atualmente, essa identificação do jovem por meio do corte etário, passa a identificar a juventude como pessoas entre 15 e 29 anos, de acordo com o Estatuto da Juventude, Lei 12.852/2013.

Entendemos que a faixa etária é um dos critérios definidores da juventude, porém não pode ser único. Questões econômicas, sociais, políticas, culturais e biológicas devem ser consideradas. A relação entre idade social e idade biológica é complexa. Não fica difícil entender porque não existe juventude no singular, mas juventudes, uma vez que em cada sociedade e em cada período de tempo as relações são construídas e vistas de forma diferente (ALVES, 2012, p. 8).

São diversas as juventudes, em diferentes realidades e condições objetivas da vida. É comum encontrar definições pontuando a demarcação do tempo e do espaço. Vivemos em uma sociedade capitalista dividida entre os que trabalham e, com sua força de trabalho, produzem a riqueza; e aqueles que se apropriam dessa riqueza gerada. Ou seja, temos a classe trabalhadora e a burguesa. No enfrentamento entre essas duas classes, a juventude é um público em disputa. Para o capitalismo, a juventude é apenas uma fase de preparação para o mercado de trabalho, ela é detentora da força de trabalho e ao mesmo tempo alimenta o sistema de consumo imposto pelo capitalismo, o que acaba definindo os grupos identitários da juventude através das marcas que acessam e dos produtos que consomem.

A conceituação da categoria Juventude é uma tarefa difícil pela complexidade e especificidades que existem. “Para tanto, partimos do entendimento de que não existe uma juventude ou apenas uma forma de ser jovem” (BRITO, 2016, p. 13). Juventude vai além da palavra, ao defini-la, automaticamente se acionam as relações entre pessoas e entre classes sociais, relações familiares e relação de poder (CASTRO, 2012). Para compreender a juventude como uma construção social, Pais (1990, p. 140) traz uma contribuição:

No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem.

Pais (1990) aponta ainda a reflexão do olhar para a juventude em dois eixos semânticos, como unidade e como diversidade. Unidade no que se refere à fase da vida, e diversidade levando em conta os predicados sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.

De fato, quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude enquanto referida a uma fase da vida (PAIS, 1990, p. 149).

No primeiro caso, quando se refere à unidade, a juventude é versada como um conjunto social, constituído por jovens em uma determinada fase de vida, definida pelo corte etário. No caso da diversidade, a juventude é um conjunto social, constituído por jovens em conjunturas sociais diferentes. “A juventude deve ser olhada não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade” (PAIS, 1990, p. 151).

A conjuntura das juventudes é muito complexa, e isso demanda um aprofundamento no estudo e análise diferenciada nas diversas realidades. Castro (2012, p. 438-439) nos ajuda a refletir sobre Juventude como categoria social:

Podemos afirmar que juventude é uma categoria social que posiciona aqueles assim identificados em um espaço de subordinação nas relações sociais. Paradoxalmente, jovem é associado a futuro e a transformação social. Pode-se afirmar que o olhar para determinados indivíduos, informado pela ideia de que estão numa fase de transição do ciclo de vida, ou mesmo biológico, transfere, para aqueles que assim são identificados, a imagem de pessoas em formação, incompletas, sem vivência, sem experiência, indivíduos em grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados.

Ser jovem não pode ser definido por uma faixa etária, ou por mera fase da vida que marca a transição entre a adolescência e a vida adulta, mas por uma série de fatores. Não podemos hegemonizar o conceito de juventude apenas pela faixa etária, pois esse critério não dá conta das diversas juventudes em uma sociedade em movimento marcada por um modo de como se produz e reproduz a vida. Conforme Bourdieu (1983, p. 113), “a juventude e a velhice não são dadas, mas construídas socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas”. A juventude representa uma força extremamente significativa para a mudança da sociedade, por isso, encontra-se em disputa econômica, ideológica e cultural. “De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades” (BOURDIEU, 1983, p.112).

Não podemos partir apenas do enfoque geracional, o qual se refere à noção de juventude como uma fase de vida. Para compreender a categoria juventude, é necessário levar em consideração o fator social, cultural e as vivências. Há uma construção recorrente que associa a juventude por duas perspectivas: a uma concepção de juventude transformadora; e/ou a um problema social. A juventude como problema social é tratada a partir da violência, do uso/tráfico de drogas, problemas com a escola, acesso ao mercado de trabalho e problemas de delinquência (PAIS, 1990).

Portanto, na contemporaneidade os trabalhos de pesquisa sobre juventude vêm dando ênfase à juventude como uma construção social. Para Castro (2012, p. 438), “juventude é uma categoria transitória e, como experiência individual, como identidade social ou, ainda, identidade política, ela pode assumir contornos mais perenes”. Essa transitoriedade é

periódica nas definições e percepções sobre juventude nos mais diversos contextos juvenis. Com base nos estudos de Pais (1990, p. 141):

Histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por certa instabilidade associada a determinados problemas sociais. Se os jovens não se esforçam por contornar esses problemas, correm mesmo riscos de serem apelidados de irresponsáveis ou desinteressados.

Conforme o autor, um adulto é considerado responsável à medida que vai contraindo um conjunto determinado de responsabilidades, como por exemplo, trabalho fixo, responsabilidade conjugal ou familiar, paternidade ou despesas habitacionais. Em se tratando das políticas públicas e programas sociais que se destinam aos jovens brasileiros, a juventude geralmente é associada a uma fase em que o/a jovem é sinônimo de problema ou transformação social. Existe uma grande preocupação em apenas qualificar a juventude, mas é necessário efetivar a juventude no mundo do trabalho, garantir iniciativas que visem gerar trabalho e renda

A partir dos conceitos aqui apresentados sobre juventude e a complexidade dessa categoria, partimos para uma reflexão sobre a juventude do campo e o seu universo.

4.1 Juventude do Campo

“Juventude Camponesa qual é sua missão? Semear soberania e cultivar nossa nação!”⁵.

Ao discutirmos juventudes, devemos levar em conta que há um conjunto de critérios específicos com relação aos jovens do campo. É necessário compreender que, embora a faixa etária definida seja de 15 a 29 anos, esta não pode ser considerada definitiva. Uma vez que nela o indivíduo encontra-se em processo de formação de sua identidade, o qual se prolonga por toda a vida.

No debate da juventude camponesa, é importante discutir a construção da identidade, visto que os indivíduos são constituídos por relações sociais e pela participação em processos identitários amplos. Identificação é um processo em construção, pois é a vida que determina a consciência e, logo, a construção da identidade e a posição social. Segundo Oliveira (2014, p.

⁵ Grito de ordem criado por um núcleo de base – NB no Seminário Nacional da Juventude do MPA em Brasília no ano de 2013.

148), “para que esses jovens camponeses resgatem sua identidade de classe serão necessárias ações em diferentes áreas como: educação, trabalho, saúde, cultura, lazer, esporte, etc.”.

Brito (2016, p. 18) aponta uma contribuição nessa compreensão de identidade que perpassa o jovem do campo: “Pois ao assumir esta identidade de ser jovem do campo aos poucos vão descobrindo também outras dimensões de sua identidade pessoal e coletiva: sou mulher, sou negra, sou camponês”. Brito (2016, p. 19) afirma ainda que,

Isto nos remete a pensar que são seres de múltiplos aprendizados. Olham-se no “espelho” do que foram e do que querem ser; e assim assumem identidades pessoais e coletivas, ao mesmo tempo em que se desafiam no movimento de sua permanente construção. E isto tem a ver com valores, modo de vida, memórias, cultura que acessaram nas trocas que realizaram ao longo de sua existência.

A categoria juventude do campo deve ser compreendida a partir de dois enquadramentos, enquanto jovens e do campo. De um lado, essa juventude luta pela superação da visão preconceituosa que identifica o campo como residual, atrasado e sem perspectiva de vida; e, do outro, precisam lidar com a invisibilidade da juventude nos espaços decisórios do campo. São submetidos à relação de poder patriarcal e machista, “a família do campo não foge à tradição da sociedade patriarcal que centra no pai a função de mediatizar todo o trabalho, outorgando a ele também o controle sobre todos os que com ele vivem” (OLIVEIRA; RABELLO; FELICIANO, 2014, p. 139). Os jovens são sujeitos de direitos em luta por um lugar no campo das juventudes, pela visibilidade e protagonismo.

A visão dicotomizada de pensar o “urbano e o rural” traz a ideia de campo como lugar atrasado. Essa visão é constituída pelo capital e imposta sobre a população camponesa por diferentes mecanismos, um deles é a ilusão de a cidade ser melhor e conseqüentemente mais fácil de criar uma “vida melhor”. “Essa ilusão criada para os jovens do campo é um artifício ideológico engendrado pelo capital” (OLIVEIRA, RABELLO; FELICIANO, 2014, p. 142). Vale ressaltar que essa imposição também é um dos gatilhos que impulsionam o “sair” do campo, vivido e sentido principalmente pela juventude, mas não o principal.

Pensar na juventude do campo nos remete a refletir sobre um movimento comum que assola a juventude camponesa: a migração. Nos dias atuais, são vários os estudos que apontam a tendência da saída de jovens do campo para os centros urbanos. Essa saída acontece por vários fatores e são vários os gatilhos que impulsionam essa migração e/ou deslocamentos. “O ‘ficar’ ou ‘sair’ do campo envolve múltiplas questões em que a categoria

jovem é construída e seus significados, disputados” (CASTRO, 2009, p. 2). Essa saída acontece de forma diferenciada, o que determina são os processos de socialização do território camponês.

A questão não está no fato de sair ou ficar, mas os motivos que os levam a sair ou ficar, pois, a luta pela terra é uma das bandeiras, esses jovens são sujeitos que podem lutar pela transformação social, desde que a comunidade onde se inserem ofereça base e formação social e política (OLIVEIRA; RABELLO; FELICIANO, 2014, p. 147-148).

É comum associar essa migração do campo também à atração pela cidade, tendo em vista o espaço urbano como o lugar moderno e que possibilita o acesso principalmente ao consumo, e também por visualizar a cidade em uma perspectiva de conquista da autonomia. “Assim, estudar o jovem do campo dentro da construção representativa da sociedade perpassa pela imagem do jovem camponês que constantemente é atraído pela vida urbana” (BRITO, 2016, p. 16).

Outro fenômeno relacionado à migração é a masculinização do campo, dada pela divisão social do trabalho na agricultura familiar, em que a hierarquia perpassa pela categoria de gênero, fazendo com que se perceba uma migração maior da juventude feminina, que tem seu trabalho muito mais invisibilizado do que o jovem homem, pensando na lógica da sucessão familiar. A dimensão da sucessão é compreendida na medida em que o esvaziamento do campo se apresenta como um risco a soberania alimentar do país e ao fazer e à organização camponesa. Carneiro (2007, p. 60) aponta que,

Em geral, a mulher não é reconhecida como trabalhadora agrícola ou não deseja para si esse papel, fato que ao mesmo tempo é resultado de uma discriminação, mas que acaba por impulsionar as jovens a níveis mais elevados de educação e à migração para o meio urbano, o que pode provocar um fenômeno ainda pouco observado.

Conforme a autora, esse fenômeno da masculinização ainda é pouco estudado e isso remete a outro acontecimento: o abandono do campo por parte dos rapazes por medo do isolamento e de ficar solteiro. OLIVEIRA; RABELLO; FELICIANO, 2014) trazem uma importante contribuição no processo de compreender o porquê de a juventude camponesa brasileira continuar a abandonar o campo e a produção agrícola em busca de alternativas nas cidades.

Esse processo nos remete ao pensamento de cenas vividas nos anos 70, que contingentes de homens, mulheres e crianças que passaram por um processo de expropriação do campo para viver nos núcleos urbanos ofertando sua força de trabalho. Os motivos do passado se misturam com os atuais, onde o

êxodo rural neste caso, não é fruto apenas de uma lógica que dita que a urbanização é o mundo das possibilidades, enquanto o campo é uma área atrasada, coloca-se na inviabilidade de questões materiais e estruturais predominantes no modelo produtivo agrícola do campo brasileiro, produzindo invisibilidade social para os jovens, pois a falta de políticas públicas exclui esses indivíduos da produção rural e minam suas possibilidades de ter uma vida digna no meio rural (OLIVEIRA; RABELLO; FELICIANO, 2014, p. 137).

Uma análise acerca da saída do jovem do campo para o espaço urbano leva a refletir sobre diversos fatores e questões. Existem estudos que apontam essa “saída” como estratégia para a ruptura com a autoridade paterna e a não sucessão na chefia da propriedade, que em sua maioria acontece por meio da herança patrimonial da família. Castro et al. (2009) direciona para outra questão que está presente em diversas pesquisas que se intensificam a partir do século XXI, que traz a associação do jovem camponês ao desinteresse pelo campo.

Para a autora, “a própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais” (CASTRO et al., 2009, p.23). Porém, essa percepção de desinteresse pelo campo é confrontada por uma movimentação das juventudes do campo, percebida a partir dos anos 2000, que se intensificam nas organizações dos movimentos sociais do campo, tanto os sindicais quanto os pertencentes à Via Campesina.

Historicamente, esse processo organizativo da juventude camponesa já ocorreu em diversos países, ordenando organizações sociais. Atualmente o cenário é de reordenação, onde a juventude camponesa ainda afronta o preconceito do urbano sobre o campo, mas são sujeitos aglomerados em uma atuação política.

Esses jovens se apresentam longe do isolamento, dialogam com o mundo globalizado e reafirmam sua identidade como trabalhadores, pequenos produtores familiares lutando por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos (CASTRO, 2012, p. 440-441).

Entendemos aqui que essa reordenação da juventude rural vai de encontro a estudos que trazem a imagem do jovem camponês associado ao desinteresse pela vida no campo. Essa movimentação da reordenação mostra a construção da identidade dessa categoria e, ao mesmo tempo, um espaço de disputa desses sujeitos sociais. No cenário atual, a juventude camponesa se apresenta como categoria protagonista da reprodução social do campo.

É importante enfatizar que nessa movimentação da juventude, eles vão se percebendo no contexto e, à medida que se descobrem, também se constroem. Nessa caminhada, se

experimentam, realizam atividades significativas para a vida comunitária, são sujeitos sociais que dinamizam a vida do povo em suas comunidades. Vale ressaltar que os problemas enfrentados pela juventude camponesa também são problemas enfrentados pela pequena produção familiar, consequência da falta de melhores condições de produção e da vida no campo. Diversas pesquisas apontam que entre as dificultadas que afetam a juventude do campo estão em pauta como principais: acesso à educação e trabalho. Para OLIVEIRA; RABELLO; FELICIANO, 2014, p. 148):

não basta apenas que se criem estas condições, devemos nos atentar para que estes elementos sejam implementados de forma que atendam os jovens em sua especificidade de que considerem os anseios e dificuldades destes sujeitos que enfrentam uma fase singular da vida.

São diversos os mecanismos criados pelo capital para que a juventude esvazie o campo, citando como exemplo a ausência da educação e, principalmente, de uma educação emancipadora, falta de atividades de geração de trabalho e renda, falta de espaços para lazer, cultura, falta de políticas públicas efetivas que garantam as condições para essa juventude se manter no campo e não apenas políticas meramente assistencialistas, etc.

OLIVEIRA; RABELLO; FELICIANO, 2014, p. 148) apontam ainda que é preciso “haver iniciativas que venham valorizar as realidades vividas nas comunidades que esses atores estão inseridos”. Entendemos que esses sujeitos são herdeiros das lutas e resistências dos povos camponeses.

5. JUVENTUDE: Trabalho e Educação

Ao tratarmos do elo das juventudes com Educação e Trabalho, primeiramente é necessário compreender a complexidade desse debate. Costuma-se iniciar a partir dos demarcadores da passagem “do jovem à vida adulta”. A idade biológica é um desses demarcadores dessa passagem considerando apenas que a vida adulta acontece quando se atinge a maioridade, porém há outros marcadores, tais como a profissionalização, a capacidade de assumir responsabilidades, de construir uma família e de trabalhar.

Afinal, o que marca essa passagem e o que almeja a juventude brasileira? A educação e o trabalho estão presentes na listagem de necessidades dos nossos jovens. Com a juventude do campo, também não é diferente. Os jovens veem a educação e o trabalho como formas de independência, ressaltando que as moças geralmente anseiam mais por Educação e através dela conseguir um “futuro melhor”. Para Guimarães (2005), quando se coloca a centralidade do trabalho enquanto um valor, ele assume um posto secundário, diferente de quando se trata de interesses e necessidades. “O trabalho passa ao centro da cena, não importando como se proponha a reflexão: ele se destaca recorrentemente entre os assuntos atuais de maior interesse para a juventude brasileira” (GUIMARÃES, 2005, p. 11).

O sistema escolar a serviço do capital é colocado no mesmo patamar das fábricas e presídios e refletem em um sistema educacional formal que tem a ideologia da classe dominante como conteúdo básico na formação, produzindo cidadãos treinados para servir ao sistema. Para Gonçalves (2013, p. 87-88):

A sociedade de classes está estruturada no direito à propriedade privada, mas como a propriedade privada é apropriada por uma minoria, é necessário que a maioria reconheça como legítimo o direito da propriedade e, pela ideologia, alimente o sonho de um dia também se tornar proprietário de algum meio de produção.

Dentro da educação, o direito à propriedade privada como direito natural, entra como conteúdo ideológico, para legitimar o direito de exploração da terra pela classe dominante, validando assim as relações de classes. Para Marx (1989, p.830), “a relação capitalista supõe a separação entre os operários e a propriedade nas condições de realização do seu trabalho”. Por isso, Marx (1989, p. 830) acrescenta que: “a acumulação primitiva é, portanto, esse processo de dissociação entre o produtor e os meios de produção”.

Engels (1876, n.p) afirma que: “o trabalho é a condição básica e fundamental de toda a vida humana”. O trabalho é central, “é a atividade que criou e desenvolveu a própria espécie humana” (GONÇALVES, 2013, p. 89). Através da atividade do trabalho, a humanidade produziu os bens imprescindíveis à sobrevivência e, nesse processo, se deu a construção da sua existência, porém o trabalhador continua sem a riqueza que produz.

Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, o é pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (SAVIANI, 2007, p.154 apud BRITO, 2016, p. 25).

Ao mesmo tempo em que o trabalho atende as necessidades de sobrevivência, ele também retira o homem do seu estado natural/animal (GONÇALVES, 2013). A existência humana é um produto do trabalho, produzida pelos próprios homens. Para Saviani (2007), “o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, a produzir sua própria existência”. Saviani (2007, p. 154) ainda acrescenta que: “a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo”, coincidindo, então, a origem da educação com a origem do homem mesmo.

Deste modo, Saviani (2007, p.157) diz que: “a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade”, são atividades essencialmente humanas. “O trabalho faz a educação e a educação transforma o trabalho” (SAVIANI, 2007, n.p.). No primitivismo, a educação acontecia no cotidiano, nas atividades desenvolvidas nos meios de produção da existência pelas tribos. Não havia a divisão de classes, a tribo vivia o comunismo primitivo e, à medida que produziam sua existência em comum, também se educavam.

A separação entre trabalho e educação se deu no processo de apropriação privada da terra, o que induziu à divisão dos homens em classes. A propriedade privada configurou a classe dos proprietários da terra e a dos não proprietários, o que levou os proprietários a viverem do trabalho dos não proprietários, que além de trabalhar para garantir sua existência, também tinham que garantir a existência dos donos da terra.

Ora, essa divisão dos homens em classes irá provocar uma divisão também na educação. Introduce-se assim, uma cisão na unidade da educação, antes identificada plenamente com o próprio processo de

trabalho. A partir do escravismo antigo passaremos a ter duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais (SAVIANI, 2007, p. 155).

Com a divisão de classe, a educação também se divide, diferenciando a educação da classe dominante da educação da classe dominada, que continuava assimilada ao próprio processo de trabalho.

Com o desenvolvimento dos Estados nacionais, o Estado assume a Educação, e essa passa a ser o espaço da ideologia capitalista. A burguesia precisava de um trabalhador pelo menos escolarizado, abrindo assim escolas para as massas, mas com o conhecimento dentro da sua lógica e que fosse a doses homeopáticas. Porém, as desigualdades sociais não serão superadas pela “democratização” do ensino, tendo em vista que até o campo do conhecimento foi hierarquizado pela acumulação capitalista.

A dominância da indústria no âmbito da produção corresponde à dominância da cidade na estrutura social. Se a máquina viabilizou a materialização das funções intelectuais no processo produtivo, a via para objetivar-se a generalização das funções intelectuais na sociedade foi a escola. Com o impacto da Revolução Industrial, os principais países assumiram a tarefa de organizar sistemas nacionais de ensino, buscando generalizar a escola básica. Portanto à Revolução Industrial correspondeu uma Revolução Educacional: aquela colocou a máquina no centro do processo produtivo; esta erigiu a escola em forma principal e dominante de educação (SAVIANI, 2007, p. 159).

A separação entre trabalho e educação foi consumada na divisão de classes, designadamente nas formas escravistas e feudais, porém com o surgimento da sociedade capitalista, essa relação trabalho-educação padece uma nova determinação, tendo a escola como espaço dominante e generalizado da educação. E é nesse período, na introdução da maquinaria, em que havia a necessidade, além da operação das máquinas, também de realizar as atividades de manutenção, eis que surge a divisão do sistema de ensino, entre escolas de formação geral e escolas profissionais, com cursos voltados à produção (SAVIANI, 2007).

A classe trabalhadora sempre lutou contra a classe capitalista, almejando a emancipação humana, porém a educação que poderia provocar essa mudança torna-se um instrumento a serviço do capital.

5.1 Trabalho e Educação no Campo

Falar de trabalho no campo é diferente de falar da mesma categoria em uma visão geral da sociedade. Na concepção de Alentejano (2012, p. 755) sobre o trabalho no campo, “desde o início da colonização portuguesa, a diversidade das relações de trabalho é uma marca do campo brasileiro”. Os colonizadores estabeleceram o modelo escravista como forma dominante de exploração do trabalho, que perdurou até meados do século XIX.

À medida que o modelo escravista foi se esgotando, motivados por forças externas e internas, surgiram as novas formas de trabalho no campo, como por exemplo, a parceria e o colonato. Houve a multiplicação do trabalho no campo. A respeito das novas formas de organização do trabalho no campo, Alentejano (2012, p. 755-756) explica que:

Surgem, assim, as múltiplas forma de trabalho camponês no Brasil, sejam aquelas marcadas pela subordinação direta dos camponeses aos latifundiários, como agregados – isto é, trabalhadores que em troca do direito de morar e produzir no interior do latifúndio fazem diversos tipos de serviço para os latifundiários, inclusive os de jagunço –, sejam as do campesinato livre, tais como os posseiros, dando origem ao trabalho familiar no campo, mas também a múltipla formas de trabalho coletivo: mutirões, puxirões etc. Surgem também as formas resultantes da resistência contra a escravidão, materializada na presença dos Quilombolas no campo brasileiro.

Com a modernização da agricultura, ainda em um processo gradual da expansão do assalariamento, expandem também os trabalhadores assalariados temporariamente, sem relações contratuais, denominados de boias-frias. Atualmente, essa forma de exploração, que constitui o trabalho sazonal, está presente em todas as regiões do país, predominando principalmente no Nordeste, onde os trabalhadores são convocados apenas na colheita das produções. Esses trabalhadores em sua maioria são jovens, que fazem esse processo de deslocamento para outros territórios, vagando pelo país para acompanhar os períodos de colheitas.

Sem condições que lhe permitam a satisfação de suas necessidades de consumo próprias – o clube, a motocicleta, as roupas, etc. –, os jovens acabam encontrando na migração para o corte de cana-de-açúcar uma alternativa para a concretização de seus projetos pessoais de autonomia (MENEZES; SILVA, 2007, p. 172).

Muitos trabalhadores que constituem o trabalho sazonal aspiram à melhoria na sua vida financeira e/ou do grupo familiar ou são jovens que não têm outra forma de se manter no campo, muitas vezes sem-terra, sem educação e sem trabalho.

Assim em algumas culturas há a total mecanização dos processos de preparo da terra e plantio (com o uso de tratores e plantadeiras mecânicas), dos tratamentos culturais (com o uso de pulverizadores mecânicos ou aviões agrícolas para a pulverização das lavouras e da colheita (com o uso de colheitadeira). E isso implica a supressão de quase todos os empregos no campo, restando uma pequena quantidade de trabalhadores assalariados permanentes. Já em outras culturas, o processo de modernização é parcial, sobretudo no que se refere à colheita, que, em muitos casos, ainda é feita manualmente, seja por opções técnicas ou econômicas (ALENTEJANO, 2012, p. 756).

Nesse mesmo período, expandem-se o campesinato e o trabalho familiar. É nesse contexto das novas formas e relações de trabalho no campo que buscaremos explicar sobre a juventude e seu elo com o trabalho e a educação no campo.

Sobre o trabalho no campo, Sousa (2015, p. 61) diz:

O trabalho no campo inicia muito cedo na vida do jovem, na maioria das vezes ainda enquanto criança. Inicialmente eles realizam trabalhos mais leves, aos poucos vão desempenhando as mesmas tarefas que seus pais. Dependendo das posses da família o jovem trabalha no próprio grupo familiar ou em propriedades circunvizinhas. Os trabalhos rurais, sobretudo nas pequenas propriedades, são essencialmente braçais e de baixa remuneração.

Para o autor, o trabalho atravessa o jovem do campo ainda na sua infância, seja no núcleo familiar ou na comunidade em condições de baixas remunerações, ou muitas vezes nenhuma. Os jovens do campo em sua maioria intercalam o trabalho com a escola, outros desistem de estudar.

Brito (2016, p.21) aponta “que a educação acompanhou e acompanha todo o processo capitalista servindo, muitas vezes, como difusora e formadora de indivíduos aptos a servir ao capital”. Entendemos que no campo não é diferente, a educação no campo tem vários marcadores em seu processo histórico, Sousa (2015, p. 58) nos aponta alguns desses: “altos índices de analfabetismo, salas multisseriadas, as longas distâncias das escolas para as residências dos estudantes, a evasão por conta do trabalho precoce e a não adequação dos conteúdos didáticos à realidade dos estudantes”.

Houve avanços nas últimas décadas. Acompanhamos a luta por outra produção do modo de vida que passou a movimentar outra ideia de educação, uma educação condizente

com a realidade dos trabalhadores/as do campo. E essa educação denominada Educação do Campo nasce do povo, nasce da luta organizada em diversos movimentos sociais do campo, é a educação dos sujeitos protagonistas da sua história.

Vendramini (2007, p. 123) aponta que:

É preciso compreender que a educação do campo não emerge no vazio e nem é iniciativa das políticas públicas, mas emerge de um movimento social, da mobilização dos trabalhadores do campo, da luta social. É fruto da organização coletiva dos trabalhadores diante do desemprego, da precarização do trabalho e da ausência de condições materiais de sobrevivência para todos.

A autora contribui na compreensão do nascimento de uma educação que reafirma a legitimidade da luta e de um projeto de educação próprio dos povos que constroem seus modos de vida no campo.

Para Caldart (2012, p. 257), “a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações”. Os/as trabalhadores/as do campo, ao enfrentar o sistema em defesa de uma educação que seja “no e do” campo, provocam ao mesmo tempo um questionamento e propõem uma educação contra-hegemônica, uma educação imbricada com o trabalho no e do campo. Para Ribeiro (2012, p. 460):

O novo trazido pela Educação do Campo, proposta pelo movimento camponês, consiste na articulação entre o trabalho na agricultura, na pecuária e na pesca, no chamado Tempo Comunidade, com os estudos teórico-práticos efetuados no chamado Tempo Escola.

Pensar a Educação do Campo, é pensar dois pilares importantes, primeiro o acesso, que precisa ser público e de qualidade, e depois a permanência. O projeto de Educação do Campo adota o método da Pedagogia da Alternância, através dela é possível combinar trabalho e educação, diminuindo assim a evasão escolar e construindo as condições materiais da vida no campo. São muitas as problemáticas que ainda perpassam a realidade educacional, principalmente do campo. No contexto geral, estamos vivenciando uma política de fechamento/nucleação de escolas no campo, com a justificativa de diminuição no número de classes multisseriadas, e isso acontece de forma totalmente arbitrária.

A educação precisa trazer para o centro de seus conteúdos programáticos o debate da luta de classes, a questão agrária, a luta dos povos camponeses pelos seus territórios e o direito de construir seus modos de vida. Sabemos que a juventude do campo em sua grande

maioria não permanece mais no isolamento, embora ainda exista uma parcela desses jovens que não participa de movimentos sociais e se encontra dispersa desse debate, se encontra fora das organizações sociais e são bombardeados cotidianamente pela mídia, que passa sempre a ideia do moderno ser o espaço urbano. Os conteúdos que se estudam, chegam de fora para dentro, não são articulados na base dos educandos/as, nas suas realidades, suas origens e identidades. Brito (2016, p. 22) nos faz refletir quando coloca que:

Percebemos que a teoria privilegia a escolarização, esquecendo todo contexto histórico, social, econômico e cultural do indivíduo, afinal de contas era preciso uma ideologia forte para justificar o neoliberalismo e responsabilizar apenas o indivíduo pela sua vitória ou derrota.

A educação para o campo tem que ser instrumento da emancipação humana, revolucionária e contextualizada. Entretanto, o que temos dentro do sistema escolar é um espaço que dita regras individuais e coletivas, espaço de treinamento do jovem educando/a para o ingresso no mundo do trabalho. A escola cumpre um papel fundamental na formação dos cidadãos, ela tem que estar a serviço do povo, e não do capital.

O acesso à escola e ao trabalho é um dos maiores desafios dos jovens do campo, tendo em vista que a sua própria realidade já coloca pra eles diversos desafios. De acordo com OLIVEIRA; RABELO; FELICIANO, 2014, p. 136, “a educação e as políticas públicas diretamente influenciam na construção da identidade dos jovens”. Em muitas comunidades, as escolas só funcionam até o Fundamental II, e os jovens, para acessar o Ensino Médio, precisam se deslocar para comunidades circunvizinhas ou centros urbanos. Esse processo do deslocamento é cansativo, o que acaba desestimulando muitos jovens e os levam a desistir da escola. Outro fenômeno comum é o jovem sair do campo e ir pra cidade para poder estudar, principalmente no acesso ao Ensino Médio e Superior.

Para que estes jovens camponeses resgatem sua identidade de classe serão necessárias ações em diferentes áreas como: educação, trabalho, saúde, cultura, lazer, esporte etc. Mas, não basta apenas que se criem estas condições, devemos nos atentar para que estes elementos sejam implementados de forma que atendam os jovens em sua especificidade e que considerem os anseios e dificuldades destes sujeitos que enfrentam uma fase singular da vida. Deve haver iniciativas que valorizem as realidades vividas nas comunidades com enfoque para resolver a problemática que estão inseridos estes atores que são herdeiros de lutas e resistências presentes na classe social dos trabalhadores do campo (OLIVEIRA; RABELO; FELICIANO, 2014 p. 148).

Esse debate abrange diversas questões de uma sociedade dividida em classes sociais. O jovem, além de lidar com os conflitos e anseios da fase da juventude, é responsabilizado pela continuação das lutas e construção do modo de vida camponês em seus territórios. Outra preocupação é o seu papel de adulto/a, seu projeto de vida, ligado ao trabalho e independência.

6. JUVENTUDE CAMPONESA E OS NOVOS MODOS DE VIDA

São diversas as maneiras como os jovens vêm construindo suas trajetórias e projetos de vida na atualidade. Eles são afetados diretamente pelas inúmeras mudanças ocorridas na sociedade, principalmente no mundo do trabalho, e isso coloca para juventude vários desafios e questões diferentes das gerações anteriores. Os jovens do século XXI vivem uma singularidade histórica, é preciso compreender suas vivências, o que querem e o que projetam da vida (ABRAMO, 2007).

Para Abramo (2007, p. 67), que nos remete a refletir sobre uma questão frequente quando se trata da categoria juventude, “aparece a noção de juventude ser o momento em que se define o projeto de vida, buscando construir o modo de viver a vida adulta”. Acrescenta ainda que: “esse parece ser um processo da condição juvenil” (ABRAMO, 2007, p. 67), porém, quais são os recursos que garantam a base estrutural do projeto de vida?

Por muito tempo, a juventude do campo foi associada diretamente ao êxodo rural, porém no cenário atual, temos uma crescente mobilidade dos jovens, entre o campo e a cidade (CARNEIRO, 2007). Tal deslocamento provoca uma mudança no campo atual, “esse contexto tem provocado mudanças nos projetos juvenis e na maneira como percebem a si próprios e os outros” (CARNEIRO, 2007, p. 53). Pensar no contexto atual do campo é pensar nas novas demandas que movimentam os jovens:

Os jovens buscam atividades mais bem remuneradas e menos fatigantes que a agricultura. A compra de motos que permite ampliar o espaço de sociabilidade para além dos limites de suas próprias localidades de origem, a aquisição de roupas e complementos, de aparelhos de som e outros bens materiais, os tornam mais atraentes e podem facilitar o namoro e casamentos futuros (CARNEIRO, 2007, p. 60).

A autora nos faz refletir sobre diversas questões que atravessam a juventude na atualidade, em um campo que agora sofre os efeitos dinâmicos de outros espaços, em dimensões nacionais e até mesmo globais. A juventude organiza seus modos de vida em outra perspectiva, a partir da mobilidade física garantida pelos meios de transportes e a mobilidade de conexão, com a mídia, com a internet, etc.

Nesse sentido, de acordo com Carneiro (2007), para a população do campo compreender o campo é necessário levar em consideração a dimensão dos agentes externos que estão presentes, em forma física ou virtualmente, e que interferem na organização das relações sociais, na forma de ver o mundo interno e externo e na forma de projetar o futuro. Para nos ajudar nessa compreensão, Carneiro (2007, p. 59) afirma que:

A relação quase que cotidiana com o mundo globalizado e a própria realização, na consciência, da proximidade de mundos até então desconhecidos ou relegados a uma distância incalculável, amplia as fronteiras de mundo da “comunidade”, das relações restritas aos mais próximos, aos “mais iguais”, para espaços até então não visitados ou não incluídos na rede de relações sociais do interior do limite da “comunidade”.

Nas pesquisas recentes sobre a juventude do campo, o que mais se enfatiza é o movimento da saída do jovem em busca de melhores condições na construção de seu modo de vida ou para a estruturação de um projeto profissional na cidade. Hoje presenciamos um cenário diferente, em que jovens estão voltando para o campo, para suas origens, não porque fracassou em seus projetos, mas porque além de voltar a conviver com a família e os amigos, o campo agora dá a possibilidade de acesso a bens que antes só era possível na cidade. Carneiro (2007, p. 60) acrescenta ainda que:

Essa combinação do “melhor dos dois mundos” não depende exclusivamente da vontade do jovem, ao contrário, depende, primordialmente das condições materiais (acesso a bens e serviços) do lugar onde mora, como também da possibilidade de realizar uma renda própria, ter um emprego que, de preferência, possibilite também a realização de um projeto profissional.

Ainda de acordo com a autora, esse cenário é vivido de forma diferente pelas jovens, a migração ou deslocamento feminino para o meio urbano é superior ao masculino devido à masculinização do campo e à invisibilidade do trabalho feminino. Outra questão também fundante nesse debate é que, mesmo a juventude que se recusa a exercer a atividade agrícola ou receber a hierarquia interna no processo de sucessão da chefia da unidade familiar, em sua maioria, continua no campo e não abre mão de seus direitos ao acesso à educação e ao universo de conhecimentos possibilitados pelo desenvolvimento tecnológico.

Dentre as várias demandas dos jovens do campo, o acesso à tecnologia, principalmente à informática é uma das principais. A exclusão virtual em nosso país atinge em uma grande dimensão o campo brasileiro e é pauta nas reivindicações da juventude, além de educação e

lazer. Conforme Carneiro (2007, p. 63), “a cidade não exerce mais o mesmo fascínio sobre os jovens rurais de algum tempo atrás. Os motivos para isso são vários e complexos”. Ainda seguindo a reflexão da autora, percebemos que esse processo de mudança na visão de que a cidade é a única abertura para ter acesso a bens imprescindíveis na organização da vida juvenil no campo mudou muito nos últimos anos.

6.1 A Agroecologia e a permanência do jovem no campo

A relação de produção e dominação tendo como consequência a acumulação do excedente permitiu o surgimento do capitalismo, sendo assim, há uma interconexão entre agressões ecológicas e agressões sociais. O modelo de agricultura moderna, dependente e predatória, imposto pelo capitalismo foi iniciado com a Revolução Verde, em que o objetivo era retirar dos agricultores o controle sobre as sementes, o conhecimento popular e trazer, assim, uma dependência dos mesmos a esse modo de produção hegemônico que funciona em benefício das grandes corporações transnacionais (GUHUR; TONÁ, 2012).

Esses impactos sociais e ambientais, que se apresentam na forma de degradação dos solos, contaminação das águas, redução da biodiversidade, perda dos saberes empíricos, perda da soberania alimentar, redução das oportunidades de trabalho e renda, êxodo rural e exclusão social afetam diretamente a juventude do campo. Para superar esses problemas, há necessidade de iniciativas educacionais em uma perspectiva agroecológica que venham dialogar com a sociedade propondo outra forma de produzir, buscando um dimensionamento nos debates de modo que contribua para a conscientização dos camponeses enquanto sujeitos do processo produtivo, inseridos em um desenho de um sistema agrícola embasado em um aparelho de manejo sustentável dos solos e dos recursos naturais.

A agroecologia vem sendo consolidada como uma ciência de integração do conhecimento interdisciplinar com o conhecimento empírico, visando o uso de agroecossistemas sustentáveis, onde os mesmos possam desencadear uma transformação ambiental, social e econômica, melhorando assim a qualidade de vida dos povos camponeses. Nesse contexto, a Agroecologia é praticada principalmente por jovens camponeses que buscam outras formas de produzir e se manterem no campo.

Existe uma geração de jovens organizados nos movimentos sociais sindicais, extrativistas, camponeses, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e pescadores que luta pela permanência da juventude de uma forma articulada com a mobilização por um desenvolvimento rural justo, inclusivo e sustentável, social e ambientalmente. (CASTRO et al., 2017, p. 295-323).

A juventude camponesa também pauta a agroecologia, produção orgânica e geração de renda, disputando seus significados ao mesmo tempo em que garantem o fortalecimento dos mesmos. Para os jovens do campo, das florestas e das águas, um de seus maiores desafios é a construção da autonomia, que somente é possível por meio de escolarização, acesso à terra e geração de renda, garantidas por meio de políticas públicas mais efetivas e menos assistencialistas.

É notório que ultimamente a juventude vem se mobilizando em busca de condições que subsidiem a permanência no campo. Pensar nessa permanência nos leva a refletirmos sobre o que Carneiro (2007, p. 61) aponta: “Nesse contexto, permanecer no campo exige-se pensar em alternativas não agrícolas tanto para moças quanto para rapazes ou, ao menos, em um modo de fazer agricultura diferente da realidade dos seus pais”.

Para Castro et al. (2017, p. 295), “é nesse contexto que a Agroecologia e a produção orgânica também se tornam visíveis como agenda prioritária da juventude, ao lado da educação do campo, da geração de renda e do acesso à terra”. Existe uma juventude não só do campo, mas também das águas e florestas, organizada na luta pelo direito de permanecer no campo que possibilite viver de forma digna, justa e sustentável.

Brumer (2007) traz uma importante provocação ao se referir aos dois temas mais frequentes nas pesquisas sobre a juventude do campo, no âmbito da agricultura familiar. Segundo a autora, os dois temas mais presentes nas análises são: abordar os motivos que levam os jovens a saírem do campo; e a sucessão geracional nas unidades familiares de produção. A autora nos provoca ao colocar que, “em lugar de procurar responder à questão ‘por que os jovens saem do meio rural’, busque-se responder à questão ‘por que os jovens permanecem no meio rural’” (BRUMER, 2007, p. 50).

Para Castro et al. (2017, p. 297), os jovens “desejam a vida do campo com qualidade de vida, atuando em atividades agrícolas e não agrícolas, e viver a juventude sem ter fronteiras”. Os autores acrescentam ainda que “um olhar para entender a juventude que permanece no campo é também pensar nas possibilidades existentes para esse jovem” (CASTRO et al., 2017, p. 297).

Ainda refletindo sobre Castro et al., (2017), é importante salientar que a maioria das políticas pensadas para o campo é direcionada apenas para a atividade agrícola, esquecendo que existem outras atividades no campo. É necessário pensar em mudanças nesse espaço, incluindo também o corte de gênero, em que rapazes e moças possam permanecer e continuar no campo. Uma vez que, em se tratando de desafios da permanência da juventude no campo, o desafio é maior para as moças — entrar nesse debate requer uma profundidade que vai além do que nos propomos a tratar no presente trabalho —, mas não podemos deixar de mencionar essa questão.

As moças acabam ficando com a função doméstica, que é vista como dever e obrigação das mulheres. Sabemos que esse trabalho doméstico da mulher é desqualificado e invisibilizado. As jovens do campo acabam cumprindo uma jornada dupla de trabalho: o doméstico e o trabalho no espaço produtivo da lavoura. Porém com uma diferença, esse trabalho é visto como ajuda, sendo que ela não tem direito a opinar e muito menos depender dele pra ter uma autonomia financeira. Ferrari e Moura (2016, p. 31) nos dizem que:

Muitas vezes, é mais difícil para a mulher jovem porque a família não deixa a moça decidir seu caminho, isto é, ter autonomia em construir seu projeto de vida. O que não acontece com a maioria dos rapazes que tem autonomia sobre suas escolhas.

Ainda segundo Ferrari e Moura (2016, p. 33), “poucas são as possibilidades e vários são os desafios de as jovens permanecerem no campo, visto que há muito a ser desconstruído, desde a cultura patriarcal até a visão do campo como lugar de atraso”. Partindo da compreensão que as autoras nos trazem, é possível constatar que a juventude do campo acaba passando por uma situação muito desafiadora, quando em situações em que não há autonomia na unidade de produção, juntamente com a falta de remuneração e a continuidade nos estudos, fica subentendido que eles são forçados a saírem de seus lugares de origem e buscar seus projetos de vida em outros espaços.

Depois de uma breve abordagem reflexiva sobre a permanência da juventude no campo, cabe apontar um pouco sobre como a Agroecologia vem possibilitando essa permanência e ao mesmo tempo empoderando os jovens (rapazes e moças) na luta, principalmente pelo direito de continuarem a pertencer a seus lugares de origem e reafirmar sua identidade camponesa.

A luta da juventude pela Agroecologia vai além do processo de transição de um modelo de produção convencional para o agroecológico. Sua ação incide diretamente no

fortalecimento e protagonismo da participação da juventude na produção agrícola. Moura e Ferrari (2016, p. 5) trazem uma contribuição importante para nos ajudar a entender o desenvolvimento da Agroecologia:

O desenvolvimento da agroecologia no Brasil como ciência, prática e movimento tem gerado impactos em diferentes dimensões, como no estabelecimento de sistemas produtivos conservadores dos recursos naturais, no abastecimento da população com alimentos saudáveis e de qualidade entre outras, mas especialmente uma contribuição significativa para a reprodução socioeconômica da agricultura familiar camponesa e de comunidades tradicionais.

A juventude do campo vivencia duras disputas em curso, um projeto hegemônico no Brasil. A agroecologia traz para os jovens a vivência de um mundo “rural” diferente: ela possibilita ao jovem o direito de viver com qualidade e de atuar na dualidade do desenvolvimento e soberania alimentar e o reconhecimento do seu papel social e político, no protagonismo da luta frente ao avanço dos grandes projetos colocados para a população do campo, das águas e florestas.

Para Silva (2017, p. 222):

Este cenário é desafiador para a agroecologia, que ao se propor como ciência-prática e movimento, não pode assumir qualquer perspectiva homogeneizante, que a caracterize como uma lógica difusionista de “pacotes tecnológicos”. Pelo contrário deve pautar-se na contextualização dos agroecossistemas, contribuindo para construções de arranjos (ambientais, socioculturais e políticos) que propicie o protagonismo de distintos sujeitos como as juventudes rurais.

A juventude vem fortalecendo sua participação e organização em diversos espaços e movimentos sociais e pautando suas principais demandas. Segundo Castro et al. (2017, p. 300):

Entre as demandas colocadas, a principal preocupação é com a ausência de políticas públicas integradas que atendam às necessidades mais imediatas da juventude e que promovam mudanças significativas no campo e na floresta, com a construção de um projeto de desenvolvimento para o país que garanta o acesso à terra, à educação do campo, à geração de renda e ao desenvolvimento sustentável a partir da agroecologia, com reconhecimento da juventude rural como sujeito de direito.

A participação da juventude muda o velho desenho das políticas públicas, antes vista apenas como público beneficiário de qualquer política social e assistencialista. O jovem passa a ser sujeito de direitos, tendo voz e vez na formulação das políticas públicas pensadas para a

categoria juventude, seja ela do campo, das águas ou das florestas, que dentro de suas especificidades, possuem uma pauta transversal a todos, como por exemplo, o acesso à terra e à educação. Em relação a essa questão, Castro et al. (2017, p. 300) abordam que: “nesse sentido, a discussão de acesso à geração de renda, ao trabalho, aos meios de produção e comercialização e aos bens culturais e de informações perpassa o tema do acesso à terra e à educação do campo na sua integralidade”.

Além de todos os desafios que já foram colocados, a questão do acesso à terra é um ponto relevante nesse debate porque acaba limitando o avanço do protagonismo juvenil nas unidades de produção e na Agroecologia. A grande concentração de terras no Brasil faz com que tenhamos um cenário onde a maioria dos agricultores familiares não tem terra ou possuem pequenas posses, insuficientes para todos os/as membros da família atuar na área. Isso leva muitas vezes o/a filho/a trabalhar na mesma área que o pai, e sem autoridade para tomar decisões, ficando subordinados/as à autoridade paterna.

O trabalho de Ferrari e Moura sobre a juventude da Zona da Mata mineira nos relata que uma das estratégias dos jovens para terem acesso à terra naquela região tem sido a compra coletiva, realizada por meio da política pública do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF). “Esse programa consiste na oferta de condições para os trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra comprarem uma área ou propriedade rural por meio de financiamento com juros reduzidos” (FERRARI; MOURA, 2016, p. 37).

Existem diversas iniciativas e experiências agroecológicas em curso efetivadas pela juventude, que vem mostrando outra concepção de desenvolvimento rural sustentável, contrapondo o desenvolvimento imposto pela agricultura moderna/agronegócio, baseado na concentração de terras e na produção de *commodities*. Ao mesmo tempo, esse envolvimento da juventude na agroecologia provoca mudanças em todo seu processo de ser jovem do campo, que passa a ter uma visão holística do espaço rural promovendo um modo de vida mais sistêmico e integrado.

Sendo assim, define Silva (2017, p. 223):

Praticar a agroecologia para as juventudes do campo tem que ser (re)definição de relações, entre as sociedades e a natureza, mas entre as pessoas, nos mais diversos grupos. Educar ganha assim o sentido de preparar para a vida, onde a agricultura tem seu lugar, mas não somente como fonte de geração de renda monetária, mas, para além de alimentar bocas, alimentar sonhos.

Refletindo sobre os relatos dos jovens da pesquisa de Moura e Ferrari (2016), é possível perceber visivelmente essa transformação. “O contato com a agroecologia nas suas trajetórias de vida fortaleceu e ampliou suas experiências e conhecimentos, trazendo também mudanças de paradigmas, além de transformações em suas vidas cotidianas e no diálogo com a família” (FERRARI; MOURA, 2016, p. 39).

A agroecologia fez com que os jovens buscassem a autonomia dentro das unidades de produção familiar e, ao mesmo tempo, procurassem estratégias de geração de renda advindas de outras atividades não agrícolas. A juventude tem um desafio enorme na missão de permanecer no campo, pautando suas demandas e garantindo sua soberania alimentar. Ainda é preciso avançar nas políticas públicas direcionadas pra comercialização da produção agroecológica. Algumas políticas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE e o Programa de Aquisição de Alimento – PAA, têm contribuído para a comercialização da produção da agricultura familiar, porém o acesso a essas políticas geralmente é burocrático e delongado.

São necessárias políticas públicas voltadas especificamente para a juventude e a desburocratização do acesso às mesmas. A juventude vem conquistando a participação em várias decisões que dizem respeito a sua categoria, mas ainda se faz necessário avançar nesse sentido. Segundo Castro et al. (2017, p. 310):

A juventude, entendida aqui como sujeito político, tem cada vez mais participado das decisões que lhes dizem respeito. Em busca de autonomia, a juventude, que são várias e diversas, vem se inserindo e abrindo espaço no campo das políticas públicas e ampliando sua participação. As conferências realizadas nos territórios são mostras do quanto essa juventude caminha para a plena participação política da realidade que as envolve.

Com referência ainda em Castro et al. (2017, p. 311), é notório que nos, últimos anos, têm ocorrido algumas ações voltadas pra juventude, tais como:

Linhas específicas em editais de fomento, inclusão digital e economia solidária; cursos de formação; e linha específica de Ater para jovens, que, embora não tenha representado um grande alcance em número de jovens atendidos, representou um importante avanço para a visibilidade desses jovens e o fortalecimento de coletivos juvenis.

Vale ressaltar também que a agroecologia foi central em inúmeros projetos e que o Ministério de Desenvolvimento Agrário – MDA⁶ proporcionou importantes ações voltadas para a juventude. Como exemplo podemos citar o Plano Nacional da Juventude e Sucessão Rural criado no ano de 2016.

Este plano debate as condições de permanência da juventude no campo como questão-chave para a dinâmica socioeconômica e cultural do rural brasileiro, na medida em que o esvaziamento do campo acaba por dar prazo de validade ao modelo familiar e camponês de desenvolvimento rural. Dividido em cinco eixos temáticos, trata-se de um conjunto de ações efetivas apontadas pelos próprios jovens como causas do êxodo rural das juventudes (CASTRO et al., 2017, p. 312).

As ações do Plano são focadas nas principais questões que atravessam a juventude, desde o acesso à terra, a educação do campo até a geração de trabalho e renda, que considerem atividades agrícolas e não agrícolas (CASTRO et al., 2017). De alguma forma, a consolidação de algumas políticas e ações dentro da esfera constitucional, são passos importantes na caminhada da juventude do campo.

Considerando que avanços significativos no que diz respeito à juventude se deu nos governos Lula e Dilma, na conjuntura atual, nos resta seguirmos trilhando a construção do futuro dessa juventude que caminha, luta e R-EXISTE no nosso campo brasileiro, pautando a agroecologia como mecanismo de um outro modo de viver o campo, a juventude e suas diversidades.

⁶ Ministério criado em novembro de 1999 e extinto em maio de 2016. Suas funções e competências se destinavam a cuidar das políticas de reforma agrária e reordenamento agrário, regularização fundiária na Amazônia Legal, promoção do desenvolvimento sustentável da agricultura familiar e das regiões rurais brasileiras.

7. TERRITÓRIO: Desenho do Produto



PESQUISADORA:

MARIA DO AMPARO GOMES CARVALHO

ORIENTADOR:

PROF. DR. LUÍS FLÁVIO REIS GODINHO

APRESENTADORES:

ARIELE ANDRADE NUNES

WELITON MARTINS

PRODUÇÃO:

ARIELE ANDRADE NUNES

AGRÔNOMA E ASSISTENTE DE PRODUÇÃO:

MARIA DO AMPARO GOMES CARVALHO (MOCINHA CARVALHO)

ANTROPÓLOGA E ASSISTENTE DE PRODUÇÃO:

LIVIA TAVARES FROES MENDES

VIDEOMAKER E DIREÇÃO:

O BICHO DAS BRENHAS – ORLANDO FELICIANO NASCIMENTO

7.1 Nota Introdutória: Caminhos de movimentação

O trabalho desenvolvido no canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural buscou envolver os jovens participantes na atuação como apresentadores e construtores das pautas dos programas, a partir dos temas discutidos coletivamente com os profissionais envolvidos na execução do projeto e temas pertinentes surgidos no decorrer dos episódios.

É preciso, antes de tudo, reafirmar qual é este “rural” que aparece no título do canal – “juventude rural”. Carneiro (2007, p. 55) diz que:

Durante muito tempo o rural foi (e é ainda para muitos, como para o IBGE, por exemplo) definido em oposição ao urbano e associado às ideias de atraso, de escassez ou de falta, o que normalmente evoca uma avaliação negativa e de inferioridade em relação ao seu oposto, o urbano.

Para compreender melhor o uso das categorias referentes à população jovem do campo, Castro (2017, p. 298) aponta que:

Quando falamos de juventude rural, juventude do campo, juventude camponesa, juventude da agricultura familiar, juventude quilombola, juventude ribeirinha, estamos tratando de categorias que representam populações, mas também identidades políticas e sociais que vivenciam, de forma direta ou indireta, as disputas em curso no Brasil e no mundo sobre a relação entre desenvolvimento e segurança alimentar, por exemplo.

Justificando a escolha do título do canal, que traz o “rural” em vez de “campo”, se deu pelo olhar de que nem toda a sociedade tem a compreensão política desse debate do “rural x campo”. Assim, depois de longos debates e argumentos, ficou fechado o termo “rural”, se pensando no alcance e na compreensão do lugar de onde se tratava. Os jovens do campo precisam falar e serem ouvidos, suas vozes em muitas regiões e comunidades ainda não ecoaram. Quais suas utopias, preocupações, práticas, pensamentos e visões?

Os temas definidos como pertinentes ao objetivo do canal contribuíram pra mostrar um campo com produção de vida, um campo com desafios ainda, mas um campo que pulsa vidas e que tem uma juventude que está e vive em solos camponeses. As principais temáticas abordadas que orientam a elaboração de pauta dos programas são: Agroecologia, Educação,

Trabalho, Gênero, Cultura e lazer. Essas categorias atravessam não somente a juventude do campo, mas as diversas juventudes.

É importante salientar que se faz necessário refletir sobre diversas questões colocadas pelo uso do audiovisual, que sempre foi utilizado pela indústria cultural de massa, como ferramenta que possibilita a juventude explorar seu universo juvenil, a partir de um contexto sociopolítico. Essa ferramenta traz um grande potencial de alcance, contribuindo na rapidez de disseminar uma ideia ou algo em tempos emergentes, em que as juventudes têm pressa e todos/as estão ligados/as nas novas tecnologias.

Quando falamos de indústria cultural de massa, é importante apontar que estamos falando de uma ideologia capitalista, de uma cultura feita para a massa, mas não por ela. Para Bosi (1992, p. 308) a indústria cultural “trata-se de um processo corrente de difusão na sociedade de consumo”, e esse consumo se dá “através dos meios de comunicação de massa”. A transformação da cultura pela indústria cultural é incomensurável. Ela controla os meios de comunicação para atingir o maior número de consumidores e de imediato. Nesse sentido, cabe aqui explanar sobre as culturas juvenis, que segundo Weisheimer (2009, p. 79), “neste contexto, as culturas juvenis emergem como um produto da abundância, intimamente ligada à sociedade de consumo. Suas características incluem certo tipo de vestimentas, acessórios, linguagem, gostos musicais e práticas esportivas e de lazer”.

A juventude é o público-alvo da indústria cultural, porque é ao mesmo tempo o principal mercado consumidor da mesma, baseando suas expressões coletivas juvenis segundo um padrão do “modismo”.

Weisheimer (2009, p. 80) nos ajuda a refletir, colocando que:

Enfatizam-se os aspectos de construção da imagem de juventude como um valor simbólico cujas referências culturais associadas às mercadorias rompem todas as fronteiras e constituem-se num padrão ideal de indivíduo moderno, no sentido de atualizado, conectado as novidades e tendências em constante transformação.

Seguindo o entendimento de Weisheimer (2009, p. 80), “não só a juventude se tornou produto cultural, mas a própria cultura torna-se jovem”, e essa se difunde pelos meios de comunicação. Desse modo, podemos analisar que a propagação dos signos juvenis massivos é utilizada pela juventude, seja ela da cidade ou do campo. Ainda citando Weisheimer (2009, p. 80), “sob esta ótica, se isto não pôs fim às profundas diferenças entre os jovens rurais e

urbanos, permitiu ao menos a convivência em um mesmo espaço social de práticas e valores que articulam seus elementos”.

Sendo assim, fica claro que no canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural, os jovens acionam esses marcadores massivos, típicos dos youtubers. Um marcador clássico da juventude e utilizado pelos youtubers, e que aparece nos episódios do canal, principalmente nas falas dos apresentadores, é o “se liga aí”. Esses marcadores ocorrem em um processo que Weisheimer (2009) chama de hibridização, promovida pelos meios de comunicação, que fazem a difusão e coloca dois grupos culturais distintos, ao que se refere a padrões de vida e valores, na produção com misturas interculturais.

E esses dois grupos em contato fazem com que haja uma busca pelo ideal juvenil. Conforme Weisheimer (2009, p. 82):

Pode-se mencionar ainda que os jovens encontram-se sempre posicionados num espaço de relações sociais. A partir destas posições é que eles interpretam e compartilham suas próprias vidas e a dos outros grupos e gerações. Como o meio rural é um espaço não exclusivamente agrícola, os jovens agricultores entram em interações com jovens não agrícolas, produzindo um diálogo entre jovens em posições diferenciadas.

Destrinchar os temas pertinentes no processo de execução/produção do canal partiu da compreensão que o foco é a juventude do campo, mas que necessita abranger o território dessa juventude no todo, em questões que os atravessam.

7.2 Desenho do produto: Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural

“Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”

(Rosa Luxemburgo)

O potencial educativo do audiovisual é inquestionável. É um recurso que possui um grande potencial para ser usado pela população que deseja ser o historiador de suas trajetórias. A grande mídia da indústria cultural controla nossas vidas, escolhendo ao que teremos acesso, influenciando nos modos de vida. É desafiador pensar fora do esquema comunicativo hegemônico. O audiovisual possibilita mostrar a expressão das classes populares de acordo com a sua capacidade de atuar no contexto social na qual ela se reproduz e resiste.

É de grande importância a “massa” de fato se apropriar dos mais diversos meios de comunicação e resistir. Entretanto, não é fácil esse enfrentamento, sabendo que a indústria cultural dispõe de um grande capital financeiro injetado por agentes externos, os mesmos que financiam para serem propagandeados e disseminados. É preciso ressaltar, contudo, que os movimentos sociais do campo vêm se apropriando dos meios de comunicação. O Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST, por exemplo, possui a Brigada Nacional de Audiovisual Eduardo Coutinho, que faz um trabalho fundamental na disseminação da luta histórica do movimento.

A equipe de execução do canal Futuca a Tuia é composta por cinco membros: o diretor, uma produtora e assessora antropóloga, uma assistente de produção e assessora agrônoma, um apresentador e uma apresentadora. O processo de construção dos programas/episódios foi feito em quatro etapas específicas, sendo elas: etapa de preparação, etapa de produção dos episódios, etapa de edição e etapa de finalização. A etapa de preparação era planejada a partir das temáticas, e nela eram definidos como seria a etapa de produção dos episódios e o processo de articulação.

A escolha dos apresentadores se deu inicialmente por alguns critérios específicos constantes do edital, um deles era ser jovem com até 29 anos. Foram escolhidos um apresentador e uma apresentadora, ambos estudantes do curso Técnico em Agroecologia do CETEP da Chapada Diamantina, por considerá-los mais interativos e que os mesmos promovessem a cara jovem no canal. Os apresentadores são jovens camponeses que conhecem bem a realidade do campo e, por serem jovens, obviamente haveria uma facilidade para promover a articulação com a juventude de forma geral, porém em alguns episódios, eles aparecem menos, aparecem apenas fazendo as cabeças/chamadas dos blocos. Houve em alguns momentos dificuldades para que eles movimentassem ativamente as articulações e contatos com outras juventudes.

Na etapa de produção, as filmagens se deram em dois momentos distintos: o primeiro foi a filmagem das temáticas; e o segundo foi a filmagem com os apresentadores, em que os mesmos fizeram as chamadas (cabeça) de cada programa/episódio e a chamada de cada bloco. O canal também articulou, por meio da interatividade com o público, a colaboração no envio de material de outros lugares e regiões, mostrando experiências do contexto camponês e contribuindo assim na apresentação da diversidade da juventude brasileira.

Os programas eram quinzenais – dois programas por mês – e continham três blocos principais, que abordavam temáticas diferentes, assim definidos: “Abre a porteira”, “Senta aí pra conversar” e “É o bicho”. O “Abre a Porteira” era o bloco que fala do que é novo, novos conceitos, experiências, ideias, novas formas de se olhar o mundo, pessoas ou instituições que trazem um novo olhar para o que está a nossa volta. O “Senta aí pra conversar” era o bloco em que o público colaborava com a construção do canal, a partir de propostas deixadas nos comentários dos vídeos e que são incorporadas nos programas futuros. O “É o bicho” era o espaço para trocar experiências sobre o trato e a relação das pessoas com os animais de criação.

Além dos três blocos, o canal também contava com o “Quem é Você”, nesse bloco os seguidores do canal contribuía na construção do mesmo, era o espaço para as pessoas “futurarem”, dizer quem são, de onde são, o que acham do canal e dar sugestões de temas que gostariam de ver nos futuros episódios do canal. O canal possui 17 episódios, cada episódio por norma do edital, tem entre 10 e 15 minutos. Os episódios trazem uma diversidade de temas e um grande potencial de desdobramentos que possibilita sua utilização nos mais variados espaços em que suas temáticas sejam pertinentes. Estão assim distribuídos:

Episódio 1 – Quem somos nós

Episódio 2 – O 8 de março e a mulher do campo

Episódio 3 – Caminhos de mudança

Episódio 4 – Abrindo a caixinha

Episódio 5 – Uma amizade é tudo

Episódio 6 – O tempo

Episódio 7 – Especial educação parte 1

Episódio 8 – Plante a sua semente

Episódio 9 – Especial educação parte 2

Episódio 10 – Cooperativismo

Episódio 11 – Casa de farinha

Episódio 12 – Troca de saberes

Episódio 13 – Especial arte e cultura – ato I

Episódio 14 – Especial arte e cultura – ato II

Episódio 15 – Especial arte e cultura – ato III

Episódio 16 – Mutirão

Episódio 17 – O derradeiro (último programa)

O acesso é público e gratuito:

Figura 01⁷– Imagem da página do canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural



Os episódios trazem uma importante contribuição na estratégia de veicular outras perspectivas e concepções a respeito da juventude e do povo camponês. Compreendendo que os episódios apresentam uma grande potencialidade e um debate mais profundo considerando todas as categorias apontadas e as reflexões provocadas, focamos na apresentação de alguns episódios, mais especificamente aqueles que abordam mais a juventude.

7.2.1 Os episódios escolhidos

Episódio 1 – Quem somos nós

Foi o episódio inicial, o episódio de abertura. Aqui os apresentadores trazem um pouco de suas trajetórias, quem são, de onde vêm e onde estão, o que fazem e o que gostam de fazer. Os jovens apresentadores mostram um pouco de suas rotinas, suas casas, o cuidar dos animais, o cultivar das hortas, a relação com a terra e falam de sonhos e do futuro.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCTzLJzZXCLjIjSzNWktX58g>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

Apresentam também a organização do canal por blocos e já fazem uma chamada para a juventude interagir.

Nesse episódio existem algumas reflexões relevantes, a primeira delas é o fato de um jovem de 15 anos produzir hortaliças e comercializar sua produção na feira livre, o que nos leva a refletir sobre as atividades e estratégias que levam os/as jovens do campo à autonomia financeira. Outra reflexão que chama atenção na fala do apresentador é quando diz que quer ser médico, para retribuir o que a família faz por ele e também por querer ser um motivo de orgulho. Por muito tempo, os pais se sentiram/sentem orgulhosos quando um filho ou uma filha se torna médico ou médica, o que faz com que outras profissões sejam vistas como inferiores.

Ainda sobre a fala do apresentador, outro ponto chama a atenção, dentro de um recorte de gênero: na apresentação da sua avó, ele a referencia como “mãe e pai”. É comum encontrarmos homenagem a mulheres que lhe dão esse título de “pai e mãe”, se referindo a mulheres que criam e educam os/as filhos/filhas sozinhas. O problema é que, na maioria das situações, são mulheres que passaram/passam pelo abandono do homem, e, por trás desse abandono, há uma mulher sobrecarregada que terá toda sua vida impactada pelo abandono paterno.

Esse episódio foi feito juntamente com a proposta para o edital, em agosto de 2017, pois era exigência deste enviar um piloto, que seria o primeiro episódio do canal após aprovação da proposta.

Episódio 2 – O 8 de março e a mulher do campo

O episódio do 8 de março traz um pouco da luta das mulheres do campo para superarem as dificuldades e preconceitos que enfrentam na sociedade. Esse episódio trouxe a fala de mulheres sem-terra de um assentamento no município Wagner e das mulheres do distrito Volta do Américo, em Lençóis.

As mulheres do Assentamento abordam questões que as atravessam, desde a invisibilidade feminina e o preconceito no campo até a dificuldade de acesso às políticas públicas. Já as mulheres da comunidade Volta do Américo relatam como se juntam para passarem o dia 8 de março, um chá e uma celebração que se transforma em união.

Debater a emancipação da mulher no campo é de grande necessidade, pois o patriarcado permanece em solos campestres, e a mulher sempre esteve no lugar da invisibilidade enquanto trabalhadora e no lugar de objeto de posse masculina enquanto corpo feminino. A mulher camponesa, além de enfrentar o preconceito por ser do campo, ainda

enfrenta o preconceito por ser mulher, o que aumenta os desafios quando se trata de mulheres negras e sem-terra. Sobre a invisibilidade do trabalho da mulher do campo, Jancz et al. (2018, p. 18) afirmam que:

Garantir que uma vida digna seja possível no dia a dia demanda energia, tempo e habilidade de quem realiza todas as atividades necessárias à vida. Por isso a partir da economia feminista afirmamos que o conjunto dessas atividades precisa ser considerado como trabalho. Mas na sociedade capitalista e patriarcal os trabalhos realizados pelas mulheres na horta e com os pequenos animais são vistos como uma extensão de suas tarefas domésticas, já que essas atividades, em sua maioria, são para o autoconsumo e não são remuneradas.

Essas tarefas são sempre naturalizadas como se fossem mera obrigação das mulheres e realizadas por amor. Porém, ultimamente tem se visto uma mudança nessa visão, claro que ainda necessitamos avançar muito. Segundo Jancz et al. (2018, p. 18), “a auto-organização das mulheres rurais tem contribuído para o reconhecimento dessas atividades como trabalho fundamental para a sustentação da vida”.

Pensar em gênero no campo é pensar como se dá a luta das mulheres camponesas, é refletir as relações dos jovens nesse contexto atual, em que a maior parte da migração campo/cidade se dá pelas meninas. O patriarcado ainda é bem arraigado no campo, e isso faz com que as mulheres vivam situações bem específicas em sua condição de mulher e camponesa nessa sociedade.

A mulher do campo precisa ser protagonista da sua história, sair da invisibilidade do trabalho, sair do âmbito do trabalho doméstico, e, para isso, é preciso superar a divisão sexual do trabalho, garantindo a participação ativa nos espaços e nas tomadas de decisões. O processo de organização de grupo de mulheres no campo mostra o fortalecimento das mesmas e um incentivo para a permanência no campo.

Esse episódio foi gravado em fevereiro de 2018, logo após a notícia de aprovação da proposta e depois do primeiro episódio ser colocado no canal. Sempre que possível, as gravações ocorriam com quinze ou mais dias de antecedência, devido ao trabalho do processo de edição e afim garantir um novo episódio no canal a cada quinze dias. A proposta desse episódio partiu mais das sugestões da equipe de produção pelo fato de estar próximo ao 8 de março, Dia Internacional da Mulher. E a ideia foi mostrar mulheres e jovens do campo em uma outra perspectiva, no aspecto de luta e construção do processo organizativo das mulheres.

No dia da gravação, o apresentador e a apresentadora estavam em aula (eles estudavam no turno matutino) e não puderam acompanhar, apenas gravar as cabeças/apresentação do episódio no turno oposto. Isso também aconteceu em outros episódios, em que as gravações só puderam acontecer pela manhã e isso implicava na não participação do apresentador e da apresentadora em algumas gravações. Um dos acordos foi tentar, sempre que possível, gravar em horários em que ele e ela não estivessem na escola, porém muitas vezes isso dependia do horário de disponibilidade de quem estaria nos episódios.

Episódio 4 – Abrindo a caixinha

Para poder entender a juventude, seus diferentes setores e esboçar as respostas necessárias, devemos, necessariamente, ter uma visão ampla, buscar elementos nas diferentes dimensões em que sua vida se processa e se estrutura.
(Helena Abramo)

O episódio “Abrindo a caixinha– chá - prosa - poesia” teve como proposta escutar os jovens do campo sobre diversos temas. Foi utilizada a metodologia da caixinha, em que esses diversos temas estavam em forma de perguntas, e cada participante da roda tirava uma pergunta da caixa, conforme ela ia passando. A roda foi dividida em três partes, nos episódios 4, 5 e 6⁸. A gravação toda ficou muito extensa, e no texto de informação do canal foi colocada a possibilidade de disponibilização de todo o material para quem se interessasse pelo tema Juventude, reconhecendo que essa roda traz um debate muito rico que pode ter vários desdobramentos e que nem todas as perguntas foram para os episódios. No processo de corte, a equipe avaliou as perguntas mais pertinentes e as que os/as participantes mais interagiram.

Os temas trazidos nas perguntas são questões vividas pela juventude brasileira, porém, por se tratar da juventude do campo, algumas questões necessitam de reflexões mais profundas. As perguntas foram elaboradas pela apresentadora Ariele, com alguns ajustes das assessoras. A roda foi composta por jovens do campo dos municípios de Lençóis, Itaetê, Nova Redenção, Iraquara, Lajedinho e Bonito, do território da Chapada Diamantina.

⁸ Devido à extensão que ficou a roda, alguns temas relevantes para a juventude do campo foram deixados de fora dos episódios. Seriam necessários três episódios completos para abordar completamente a roda, porém, isso comprometeria outros temas previstos para os próximos episódios.

Todos/as os/as jovens da roda são estudantes do curso técnico em Agroecologia do CETEP-CD I, pertencentes à primeira turma na modalidade Pedagogia da Alternância, que alternam os tempos educativos, Tempo Escola e Tempo Comunidade, iniciada no segundo semestre de 2017. A gravação foi feita em um final de tarde, primeiro para não atrapalhar os/as estudantes e nem o apresentador e a apresentadora em seus horários de aulas, e também por esse horário ser pertinente a um bate papo movido a chá.

A mobilização dos/as participantes se deu pela professora das duas turmas – e também assessora do projeto do canal – com a ajuda do apresentador e apresentadora. Isso levou a uma interação das duas turmas, que até então só haviam se conhecido em um bate-papo de apresentação do curso técnico em Agroecologia. Para a realização dessa gravação, houve um planejamento partindo da escolha do dia em que havia de coincidir com o Tempo Escola das turmas. Depois a articulação do local, que acabou sendo na casa da senhora Noese Matos, que fica próxima do CETEP-CD I, não necessitando, assim, a preocupação com o deslocamento do grupo e também por ter um espaço favorável para a realização da roda. Assim que iniciou a roda, faltou energia, por isso, foram acendidas velas que tornarem o espaço um ambiente mais místico e mais aconchegante.

Os/as jovens tiveram dificuldades para responder algumas perguntas, porém, na maioria das questões, foram diretos e taxativos no que pensam. Ao serem perguntados sobre “casar e construir família”, todos/as da roda responderam que pensam nisso. Percebemos que no campo, a ideia do casamento e construção da família é culturalmente passada através das gerações. Pegando um gancho nessa questão, adentramos em outra sobre “plano para o futuro, projeto de vida, faculdade e trabalho”, os/as jovens do campo planejam sua vida, pensam em um futuro em que tenham uma profissão, um bom emprego e uma família. Essa questão nos leva a comparar com o que Brumer (2007, p. 35) diz quando afirma que:

É grande o número de estudos sobre a juventude, nos últimos 15 anos, em grande parte decorrente da maior presença de jovens reivindicando maior visibilidade e a formulação de políticas públicas geradoras de emprego, renda, educação e lazer.

Nessa reflexão fica evidente que a noção de juventude está intrinsecamente ligada ao momento em que se define o projeto de vida. Porém, qual a condição e estruturação garantida para o/a jovem definir seu projeto de vida?

Outra temática relevante na roda foi a questão “do racismo e preconceito”, como os/as jovens do campo percebem essa questão em relação ao campo e à cidade. Os/as jovens relatam que já vivenciaram situações de racismo e de preconceito, e que isso é mais forte quando passam a frequentar as escolas da sede do município, onde são chamados por apelidos extremamente preconceituosos que fortalecem a ideia de campo como um lugar de atraso e ruim pra se viver. Mesmo passando por esse preconceito, ao serem questionados/as sobre “como a vida da juventude mudou em relação à dos pais”, a resposta unânime foi que mudou muito, principalmente na oportunidade de acesso à educação. Sabemos que os problemas, os desafios e a forma de viver a juventude dos/as jovens atuais são completamente diferentes das gerações anteriores.

Ao serem questionados/as sobre “ser jovem do campo”, relataram pontos negativos e positivos. Os negativos estão ligados ao preconceito que enfrentam por trazerem essa condição de “jovem do campo”, e, positivamente, afirmam que o campo é melhor para o desenvolvimento do/a jovem, onde aprendem cedo como lidar com situações adversas. O jovem do campo ocupa todo seu tempo com atividades produtivas, o que os deixam mais independentes do que os jovens da cidade.

Vale aqui apontar algumas questões que aparecem nas falas de dois jovens participantes da roda e que é a realidade da maioria das comunidades do campo: a falta de atrativos culturais. O que se observa na roda é que o baba⁹ e o bar acabam sendo a diversão da juventude, principalmente da juventude masculina. Essa se torna uma rotina diária dos homens: no entardecer, jogam o futebol e, ao término do mesmo, tomam cerveja e batem papo com os amigos.

Nas escolhas e elaboração das perguntas, ao se discutir sobre drogas no campo, ficou evidente que a juventude não encara o álcool como droga, a maioria dos jovens só considera drogas aquelas ilícitas. Essa foi uma temática difícil pra se colocar na roda, devido a esse ponto de vista da juventude, o que aponta para a necessidade de um trabalho de conscientização profunda junto à juventude camponesa sobre essa temática.

Outra questão que atravessa a juventude é a forma de viver a juventude. Uma das perguntas da caixinha foi sobre a “vida sexual da juventude do campo”, se estão mais ativos

⁹ Jogo de futebol geralmente realizado nos fins de tarde de alguns dias da semana e nos finais de semana nas comunidades.

ou não. Os/as jovens falaram que estão entrando na vida sexual mais cedo, e que, no campo, é comum as meninas de treze anos se tornarem mãe, atribuindo esse fato à falta de comunicação com os pais. Acrescentam ainda que antigamente os pais não deixavam as meninas namorarem, apenas os homens tinham esse apoio, o que evidencia o machismo entranhado no campo, a posse do corpo feminino, o pai era quem dominava a vida da filha. Abramo (2007, p. 68) aponta que, em estudos sobre juventude do campo:

Outro elemento que aparece como constante é a demanda por “viver a juventude”, partilhar de certos processos, de certas atividades e experimentações, muitas vezes vinculadas às possibilidades de formação e participação social, ao lazer, à diversão e à sexualidade, vividos numa intensidade peculiares aos jovens.

Sobre a migração do jovem do campo para a cidade, a juventude respondeu que essa migração acontece pela falta de acesso à educação e pela busca de autonomia financeira. Isso comprova que a educação e o trabalho fazem essa movimentação com os jovens, são categorias indissociáveis da categoria juventude. Outra questão reflexiva que saiu da caixinha foi sobre a violência contra a mulher. Alguns jovens relataram casos que ocorreram em suas comunidades e, na opinião deles, muitas mulheres não conseguem sair da relação por sentirem medo de serem assassinadas ao tentar acabar com o sofrimento da violência.

Episódio 7 e 9 – Especial Educação – parte 1 e 2

Um projeto de desenvolvimento para o campo passa por um eixo primordial que é a educação, assim, vale refletir sobre qual educação a juventude camponesa quer. Pensar em uma Educação para o campo é pensar em uma educação no e do campo. À população camponesa sempre foi negado o acesso ao sistema educacional. Este é fruto de muitas lutas dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, porém a educação levada até o campo em doses homeopáticas não serve, é apenas uma formação para massa de manobra do sistema capitalista, que avança nos solos camponeses com seus grandes projetos de desenvolvimento e progresso. A juventude é quem sofre diretamente com essa invasão do capital no campo.

Pensar em uma educação no campo é também pensar em estratégias contra-hegemônicas, que garantam uma educação do povo para o povo com escolas no campo. Uma educação que se volta para os povos camponeses, compreendendo sua relação com cultura e valores, formação humana, jeito de produzir, participação social e resistência.

Precisa ser uma educação no sentido amplo do processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais da realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz (FERNANDES, 2001 apud DALTRO, 2007, p. 37).

O sétimo e o nono episódios trouxeram a apresentação de duas Escolas Família Agrícola – EFA, uma do município de Seabra–BA e outra do município de Itiúba–BA, a Escola Família Agrícola de Itiúba – EFAI. Nesses dois episódios, os jovens do campo falam de suas experiências enquanto educandos/as de uma EFA, como se dão as relações de convivência em um espaço coletivo e o aprendizado alternado no Tempo Escola e Tempo Comunidade. A EFA de Seabra mostra educandos/as do Ensino Médio e a EFA de Itiúba educandos/as do Fundamental II.

Esses dois episódios, denominados “Especial Educação”, foram escolhidos pela equipe do canal, porém na gravação da EFA de Seabra, apenas Orlando, videomaker, conseguiu ir, porque a data e o horário coincidiram com o horário de aula de Ariele e Wéliton. Antes do dia da gravação, a equipe se reuniu e pautou algumas questões para ajudar a nortear os/as participantes quanto ao objetivo do especial, que era mostrar uma EFA e sua importância no processo de uma Educação do/no Campo.

Esse especial educação também tinha o intuito de mobilizar outros lugares para enviarem suas experiências em Educação do/no campo, e a EFA de Itiúba enviou um vídeo feito pela professora Karolina Souza e seus estudantes do Ensino Fundamental II. A professora relatou que trabalhou com os/as estudantes o Episódio 7, ou seja, a primeira parte do especial, e emergiu da turma o desejo de fazer um vídeo contando também suas vivências na EFA e enviar para o canal.

Os jovens relatam que a Pedagogia da Alternância possibilita o jovem do campo estudar e trabalhar ao mesmo tempo, aplicando na prática o que aprendeu durante o Tempo Escola. Ribeiro (2008, p. 30) afirma que, “portanto, a pedagogia da alternância, em tese, articula prática e teoria em uma práxis”. A educação do Campo é uma educação emancipadora, que a coloca como indissociável ao trabalho no e do campo. Mas o trabalho aqui citado, não como preparação para o mundo do trabalho, e sim trabalho como princípio educativo.

Dentro da Pedagogia da Alternância, o trabalho como princípio educativo acontece alternado nos tempos e espaços entre escola e propriedade. Ribeiro (2008, p. 30) aponta que

“a Pedagogia da Alternância tem o trabalho produtivo como princípio de uma formação humanista que articula dialeticamente ensino formal e trabalho produtivo”.

Estudar na Escola Família Agrícola proporciona aos educandos/as aprenderem não só os conteúdos designados à formação técnica voltada para a área agrícola, mas abre um horizonte, é um aprendizado para a vida.

Episódio 12 e 16 – Troca de saberes e Mutirão

Esses dois episódios trazem uma troca de saberes entre os jovens educandos/as do curso Técnico em Agroecologia do CETEP da Chapada e agricultores camponeses da região.

O Episódio 12 apresenta uma área onde uma turma de jovens que estão cursando o quarto ano do curso Técnico em Agroecologia – da qual o apresentador e a apresentadora fazem parte – realizam práticas dentro dos componentes curriculares do curso para os assentados do Assentamento São Sebastião de Utinga. A proposta do encontro foi dialogar (jovens e agricultores), na perspectiva de acontecer uma troca de conhecimentos entre eles, conhecimento empírico e conhecimento científico. Porém, o resultado ficou mais na turma apresentando o espaço, chamado de Espaço de Vivências Agroecológicas – Saberes e Sabores – EVAs. Espaço iniciado no CETEP-CD I pelo curso Técnico em Agroecologia, que atualmente conta com cinco Sistemas Agroflorestais – SAF em estágios diferentes.

A mobilização do grupo de agricultores/as se deu a partir de uma relação já existente do EVAs com o Assentamento, então, a turma realizou convite e checou a data e o horário de disponibilidade do grupo. A gravação foi realizada no mês de maio de 2018, houve um planejamento para definir uma dinâmica para dar início ao encontro, e foi escolhida a dinâmica de tecer uma teia usando uma linha, todos se apresentavam e jogavam a linha aleatoriamente, passando assim por todos na roda. O café integrador foi uma forma de acolher o grupo de agricultores/as e ali, durante o café, iniciar um diálogo de interação entre ambos.

De acordo com Zancs et al. (2018), um “pressuposto básico da agroecologia é que o conhecimento é uma construção coletiva que se dá por intercâmbios e diálogo de saberes”. Sem essa troca de saberes não há agroecologia. Essa troca de diálogos proporciona à juventude aprender com os mais experientes e, ao mesmo tempo, garantir um espaço em que suas vozes são ouvidas.

O episódio 16 mostra a implantação de um sistema agroflorestal – SAF na propriedade do pai da apresentadora¹⁰ do canal. A jovem escolheu uma pequena área dentro da propriedade para realizar um experimento, um SAF. A implantação foi realizada em um mutirão com a integração de estudantes do curso Técnico em Agroecologia, da turma do 4º ano e do módulo I da modalidade pós-Ensino Médio (estudantes da segunda turma em Pedagogia da Alternância) e agricultores camponeses.

O episódio do mutirão apareceu no planejamento dos temas dos episódios desde o início, já nas primeiras reuniões para definir e ajustar os temas. A primeira parte do episódio, que traz um planejamento da equipe do canal para realizar o mutirão, foi gravada final de março, porque, de acordo ao planejamento, era para o mesmo ter sido realizado no mês de maio. Porém o apresentador e a apresentadora, que ficaram responsáveis pela realização do mesmo, tiveram dificuldades, assim, acabou não acontecendo no mês planejado e somente em setembro foi possível realizá-lo. O planejamento era para um mutirão com vinte pessoas entre estudantes e agricultores/as, mas no dia havia 38 pessoas. O mutirão contou também com a participação de três jovens estudantes do curso técnico em Agropecuária da EFA Mãe Jovina, do município de Ruy Barbosa, que estavam realizando o estágio pedagógico no CETEP-CD I, e uma estudante de Zootecnia do IFBA de Santa Inês, que também estava realizando estágio no CETEP-CD I. A mobilização/chamamento foi feita “no boca a boca” pela apresentadora Ariele e pela professora e assessora do canal.

O mutirão é uma prática camponesa realizada antigamente nas comunidades, que atualmente vem sendo resgatada e ressignificada dentro das metodologias participativas na agroecologia. Essa integração possibilita também uma troca de saberes entre educandos/as e agricultores. O intercâmbio entre agricultores e estudantes/técnicos/as propicia e amplia o conhecimento. Essa prática é uma das metodologias mais importantes dentro da Agroecologia, que se constrói enquanto ciência a partir das diversidades e das práticas das comunidades tradicionais e realidades dos agricultores/as, se misturando em um movimento da ciência popular e dos saberes ancestrais.

De acordo com Altieri (2012, p. 178),

Uma tarefa muito importante, então, é identificar e avaliar o arcabouço de conhecimentos tradicionais e as práticas de manejo de recursos adotados pelos indivíduos e suas comunidades, apontando o

¹⁰ A apresentadora do canal Futuca a Tuia, Ariele Andrade terminou o curso técnico em Agroecologia no CETEP da Chapada Diamantina em dezembro de 2018.

seu valor enquanto base para o manejo sustentável dos sistemas agrícolas locais.

Cabe aos jovens, que estão no campo praticando a Agroecologia, aprenderem com os ensinamentos dos seus ancestrais e as práticas de suas comunidades.

Episódios 13, 14 e 15 – Arte e cultura

No desenvolvimento da humanidade, o capitalismo demonstra uma estrutura composta por suaves elementos doutrinadores que são expressos por meio lúdico, do irreal, ilusório e do fantástico, em que a realidade é marcada pela falsidade e trabalha no campo do fetiche. Para que a cultura e a arte adentrem na formação do ser humano, não podem se reduzir a mera reprodução de atividades da vida humana (LOOP, 2016, p. 19).

Os jovens têm saído de seus territórios por diversos fatores, conforme já discutimos, um desses fatores é a falta de atrativos: os/as jovens anseiam por produção cultural, por inclusão digital e por lazer. Faltam políticas de incentivos para atender essa demanda da juventude camponesa que, em sua maioria, acaba circulando entre urbano e rural à procura de cultura e lazer.

Existem jovens camponeses que fazem parte de algum movimento organizado, esses encontram oportunidades de vivenciar atividades culturais dentro dessas organizações, porque em suas bandeiras de luta também pautam a cultura e arte como processo de transformação social. Há também jovens do campo que, mesmo não estando em movimentos sociais organizados, se articulam em coletivos através de grupos teatrais, grupos de futebol, grupos de dança, capoeira, etc. Ao participar dessas atividades, a juventude se conscientiza que o campo também é um lugar de produção e reprodução da vida.

Os episódios do Futuca a Tuia 13, 14 e 15, “Especial Arte e Cultura”, mostraram como se dá essa movimentação dos jovens com a cultura, como a juventude se articula culturalmente. No episódio 13, jovens participantes de grupos teatrais relataram sobre suas trajetórias. No mês de julho de 2018, em um final de semana, aconteceu a Caravana de Teatro Itinerante na cidade de Wagner – a cada dois meses, ela é realizada em um município da Chapada. No sábado, aconteceu o cortejo pela praça central de Wagner e pela feira; à noite,

foram as apresentações dos grupos teatrais; e, no domingo, a realização de oficinas. A caravana ficou alojada no CETEP-CD I, e as oficinas também foram realizadas lá.

As gravações foram feitas nos dois dias, no sábado, pegando o cortejo e, no domingo, a realização das entrevistas com alguns jovens de grupos teatrais do campo dos municípios de Seabra e Bonito. No episódio 14, as gravações foram feitas na comunidade quilombola Remanso, no município de Lençóis, e no Reservado Agroecológico, próximo à comunidade, onde todos os anos é realizado o Samba do Mato, em parceria com a comunidade Remanso. Todas as gravações foram realizadas apenas com o videomaker, porque houve uma dificuldade de transporte para deslocar toda a equipe. No mesmo episódio, também aparece o grupo de capoeira do Assentamento São Sebastião de Utinga.

No episódio 15, toda a gravação foi realizada no CETEP-CD I com a equipe que coordena o grupo de quadrilhas do São João. A equipe aborda um pouco da história do projeto “Cambada do Sertão”, porém tiveram dificuldades de organizar os jovens que pertencem à cambada. A ideia era que Ariele Weliton mediasse o bate-papo, mas não foi possível. Então, o relato dessa história foi feito pela professora de História e coordenadora do projeto, que regulamenta a quadrilha e faz com que algumas inquietações surjam sobre como os/as jovens desse grupo se sentem nesse projeto.

Temos duas situações adversas nas falas dos jovens, um grupo relata a dificuldade de sair do campo para participar dos ensaios do grupo de teatro que acontece na cidade, enquanto outro grupo relata o contrário, a dificuldade dos jovens da cidade se deslocarem para participarem do teatro no campo. O debate sobre a juventude camponesa ficar excluída de vários acontecimentos da cidade não é novidade, principalmente quando se trata de arte, cultura e lazer, porém, o campo é riquíssimo em cultura e também é um espaço em que pode acontecer manifestações artísticas e culturais.

Sobre as dificuldades em fazer teatro no campo, os/as jovens apontam que existe a falta de logística do deslocamento da juventude tanto do campo para a cidade como da cidade para o campo. Outra dificuldade apontada é o preconceito que sofrem, devido à visão estereotipada do campo e isso leva a uma visão errada dos/as jovens que estão no teatro. Quanto à facilidade em fazer teatro no campo, eles/elas apontam que o fato do campo ser necessitado de arte e cultura, isso acaba provocando uma grande aceitação da população e uma procura dos/das jovens e crianças para participarem.

Além do teatro, outras manifestações culturais também estão presentes na vida da juventude do campo. O samba e a capoeira se fazem presente nas comunidades camponesas e com apoio e participação da juventude. A arte e cultura sempre estiveram presentes como linhas estratégicas na emancipação dos seres humanos, porém no campo, além de tantas dificuldades que a juventude camponesa enfrenta, a falta de recurso para garantir suas manifestações culturais é mais um dos desafios.

8 CONSIDERAÇÕES

A juventude é a semente que renasce
 Unindo as forças do povo lutador
 Fazendo estudo cuidando da natureza
 É com orgulho que lutamos com amor
 Juventude que ousa lutar
 Constrói o poder popular!¹¹

A “juventude é a semente que renasce” e assim seguimos, com a certeza de que muito ainda temos que semear e que a luta é árdua, mas glorificante. Pensar na juventude do campo é pensar sobre um projeto de sociedade que os insiram no centro do debate. É pensar na semente que germina e frutifica.

Apresentei neste estudo o canal Futuca a Tuia – O canal da Juventude Rural, que fez parte da minha vida enquanto membro da equipe de execução do projeto do canal. Dediquei-me a abordar as categorias: *juventude do campo; trabalho e educação; a permanência dos/das jovens no campo; e a exposição de alguns episódios relevantes do canal*. Buscando aporte teórico nos pesquisadores referenciados nesse estudo e na minha vivência enquanto membro da equipe Futuca a Tuia e jovem.

Durante a realização desse estudo, me debrucei na compreensão da realidade da juventude do campo da Chapada Diamantina e, ao mesmo tempo, também sobre a minha. Foram momentos de reflexão sobre minha realidade enquanto jovem camponesa que atualmente lido diariamente com outros/as jovens e de viver todas as questões aqui abordadas. Isso me fez refletir e analisar meu engajamento na luta dos movimentos sociais e também na escolha de como exercer minha profissão, que não poderia ser em outro espaço se não dentro da educação e da Agroecologia, seguindo na perspectiva de que outra sociedade é possível através da Agroecologia.

Foi possível enveredar por profundas reflexões ao abordar as categorias trabalho e educação, compreender como o capitalismo se articula e aliena principalmente a juventude. E como a educação está imbricada nesse processo, como ela serve ao capital na preparação da juventude para o mercado de trabalho.

Apresentar a juventude da Chapada Diamantina no canal Futuca a Tuia possibilitou reafirmar que os/as jovens do campo ainda estão e vivem no campo, ainda se sentem pertencentes ao campo e buscam estratégias de permanências em seus lugares de origem –

¹¹ Música de autoria coletiva do Curso Arte e Educação MST-UFPI. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=17XGpQAbI-k>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

mesmo os que, em seus projetos de vida, cogitam a possibilidade de sair para fazer faculdade, pensam em retornar e contribuir com seus espaços de origem. E fica evidente que a luta por trabalho, educação e autonomia são as principais reivindicações dos/das jovens do campo.

Paramos por aqui, mas com a sensação de que discussões mais profundas possam surgir e se somar nesse debate profundo e complexo que envolve a juventude do campo. O potencial do canal Futuca a Tuia e as temáticas que os episódios abordam são notórios, e servirão de suporte para diversas discussões e desdobramentos nos mais variados espaços de formação, seja acadêmica ou informal.

O debate aqui tecido me proporcionou momentos de intensas aprendizagens ao pesquisar e constatar minha própria realidade. Como pesquisadora, sigo com as inquietações que me movem a buscar novos caminhos que me levarão a tecer outras vivências e aprendizagens, a partir da reflexão e da compreensão de que somos sementes guardando e semeando sementes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. Debate. In: CARNEIRO, Maria, José; CASTRO, Elisa Guaraná (org.). **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- ALENTEJANO, Paulo. Trabalho no Campo. In: **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro: IESJV, FIOCRUZ, Expressão Popular, 2012. pp. 755-759.
- ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. Ed. Ver. Ampl. – São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. 400 p.
- ALVES, Rafaela. **Juventude Camponesa: Entre a Barbárie do Capitalismo e a Esperança Socialista**. Poço Redondo: MPA, 2012.
- BASTOS, Manoel Dourado; GONÇALVES, Felipe Ganova (org.). **Comunicação e Disputa da Hegemonia: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico – caderno 3**. 1.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. pp. 112-121. Disponível em: <<http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e- apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- BRITO, Jaqueline Andrade. **Vivências e experiências em educação e trabalho: um estudo de caso sobre jovens do campo egressos do curso técnico profissionalizante em agropecuária /Pronatec Ubaíra-BA (2012-2014)**. Tese (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2016.
- BRANDÃO, Elias Canuto. **A Educação do Campo no Brasil e desenvolvimento da consciência**. 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8813710-A-educacao-do-campo-no-brasil-e-desenvolvimento-da-consciencia.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018
- BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria, José; CASTRO, Elisa Guaraná (org.). **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CALDART, Roseli Salete, Isabel Brasil Pereira e Gaudêncio Frigotto. **Dicionário da Educação do Campo**. 2.ed., 2. Reimp. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**. In: CALDART, Roseli Salete, Isabel Brasil Pereira e Gaudêncio Frigotto. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. 2.ed., 2. Reimp. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 257-265.

CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria, José; CASTRO, Elisa Guaraná (org.). **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná; CARNEIRO, Maria José **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná et al. Juventude e agroecologia: a construção de uma agenda política e a experiência do planapo. In: SAMBUICHI, Regina Helena et al (org.). **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: Ipea, 2017.

CASTRO, Elisa Guaraná et al. **Os Jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude do campo. In: **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro: IESJV, FIOCRUZ, Expressão Popular, 2012. pp. 437-444.

CODETER. Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável da Chapada Diamantina, Seabra, 2016.

ENGELS, Friederich. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem.1876. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>> Acesso em 02 out, 2018.

FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERNANDES, B.M; MOLINA, M. C. **O campo da Educação do Campo**. In: MOLINA, M. C; JESUS, S.M.S.A. (Orgs.) Por uma educação do campo – contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. 2.ed. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2005.

FERRARI, Eugênio; MOURA, Natália Faria. **Juventudes e Agroecologia: a construção da permanência no campo na zona da mata mineira**. Rio de Janeiro: ANA/Viçosa: CTA- ZM, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **ERA** – Revista de administração de empresas. São Paulo, V. 35, n. 2. P. 57-63, 1995.

GOMES, Thalles et al. Audiovisual e transformação social – A experiência da brigada de áudio visual da via campestre. In: BASTOS, Manoel Dourado; GONÇALVES, Felipe Ganova (org.). **Comunicação e Disputa da Hegemonia: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico – caderno 3**. 1.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

GONÇALVES, Sebastião Rodrigues. Movimentos Sociais no Brasil. In: ORSO, Paulino José et al. (org.). **Educação e Lutas de Classes**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte, 2014. Anima educação.

GUHUR, Dominique Michèle Periotto; TONÁ, Nilciney. **Agroecologia**. In: CALDART, Roseli Salete, Isabel Brasil Pereira e Gaudêncio Frigotto. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. 2.ed., 2. Reimp. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Venâncio, Expressão Popular, 2012.
p. 57-65.

GUIMARÃES, Nádia. Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoini (org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

JANCZ, Carla et al. **Práticas feministas de transformação da economia: autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira**. São Paulo: SOF, 2018.

LIMA, Ana Rita; SANTOS, Clarice A. dos.; ALDRIGHI, Salete. (org.). **Caderno Educação do Campo – Direito de todos os camponeses e camponesas**. Via Campesina, Brasil, 2006.

LIMA, Eder Vicente. **A indústria cultural**. Apropriação da arte e da expressão criativa na escola. São Paulo, 2011.

LOOP, Carla. Sobre arte e cultura e a formação da consciência. In: BÔAS, Rafael Villas; ESCOBAR, Maria Inês; LIMA, Mariana Cruz de Almeida (orgs.). **Caderno de Cultura**. Santa Maria: Editora e gráfica Caxias, 2016. (Série Cadernos da Residência Agrária, 03)

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez, 1985.

MARX, Karl. **O capital**, capítulo VI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MENEZES, Marilda A.; SILVA, M.S. Entre o bagaço de cana e a doçura do mel: migrações e identidades da juventude rural. In: CARNEIRO, Maria, José; CASTRO, Elisa Guaraná (orgs.) . **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

_____, O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, Luciano Benini; RABELLO, Diógenes; FELICIANO, Carlos Alberto. Permanecer ou sair do Campo? Um dilema da Juventude Camponesa. **Revista Pegada** – vol. 15 n.1, 2014.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1º, 2º), 139-165.

PASSOS, Cristiane. Chapada Diamantina: A caixa d'água da Bahia vai secar! Comissão Pastoral da Terra-CPT, 2017. Disponível em:
<<https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/destaque/3818-chapada-diamantina-a-caixa-d-agua-da-bahia-vai-secar>> Acesso em 10 set, 2018.

RIBEIRO, Marilene. Educação do Campo: Embate entre movimento camponês e Estado. **Educação em revista**. Belo Horizonte. V. 28, n. 01p. 459-490. 2012.

_____, Pedagogia da Alternância na educação rural/do campo: projetos em disputas. **Educação e pesquisa**, São Paulo, V. 34, n. 1, p. 027-045, jan/abr. 2008.

RUSSO, Renato. Música de trabalho. Tempo perdido, Rio de Janeiro, EMI-odeon, 1986. **CD dois**.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34. Jan/abr, 2007.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Indicadores Territoriais. 2019. Disponível em:

<https://www.sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/territorio/indicadores/pdf/chapadadiamantina.pdf> Acesso em: 10 set.2018.

SILVA, José Nunes. Juventudes Rurais e Agroecologia: um diálogo imprescindível. **Santa Cruz do Sul**. V. 22, n. 2.

SOUSA, João Paulo Aguiar de. **As perspectivas políticas da juventude rural do município de Valença-BA**. TCC (Bacharel em Serviço Social) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

VENDRAMINI. Célia Regina. Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. In: **Cad. Cedes**, Campinas, V. 27, n. 72, p. 121-135 mai/ago 2007.

WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil na agricultura familiar**. Porto Alegre, 2009. Universidade do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-graduação em Sociologia.

ANEXOS

ANEXO A – Escopo do projeto do canal Futuca a Tuia

Plano de Execução do Canal

Nome da Proposta: Futuca a Tuia: O Canal da Juventude Rural

Definição do Escopo: O Canal tem como objetivo promover um espaço de difusão dos modos de vida de jovens moradores da zona rural da Chapada Diamantina/BA. Temos como principal meta proporcionar e estimular um espaço de protagonismo de jovens do campo. Durante décadas, a população rural no Brasil tem sido tratada e retratada de forma preconceituosa e estereotipada nos livros, músicas, novelas e filmes. Nomes e apelidos que definem as pessoas do campo são muitos, como: “da roça”, “roceiro”, “caipira”, “matuto”, “tabaréu”, só para citar alguns. Mesmo com tantas mudanças, ainda hoje é possível perceber, até em cidades pequenas, como as pessoas que moram na zona rural acabam sendo tratadas de forma diferenciada daquelas que vivem na zona urbana. Podemos contribuir para mudar essa visão? De que maneira é possível mostrar outro olhar sobre isso? A população do campo, principalmente nós, jovens, não vive em isolamento. A internet e as redes sociais já chegaram a várias localidades rurais. É hora de falarmos sobre nós mesmos, sobre os assuntos que nos interessam, os aprendizados que nós valorizamos, o que é importante para gente. Além da apresentadora principal, outro jovem foi convidado para atuar na apresentação e construção do canal juntamente com três membros que compõem a equipe de execução: o diretor, uma produtora e uma assistente de produção que também são educadoras da rede pública na região e estão em contato direto conosco e com nossa realidade. A partir da interatividade com o público esperamos alcançar jovens de outras localidades rurais e também dos centros urbanos que se identifiquem com nosso programa e possam colaborar com sugestões de temas e também falarem sobre si mesmos, demonstrando toda a diversidade que é a juventude brasileira.

A princípio nossos programas mensais irão conter três blocos principais: i) Abre a Porteira; ii) Senta aí pra conversar e iii) É o Bicho. O “Abre a Porteira” será nosso bloco para falar do que é novo. Novos conceitos, experiências, ideias, novas formas de se olhar o mundo, pessoas ou instituições que trazem um novo olhar para o que está a nossa volta. O “Senta aí pra conversar” será o bloco que o público irá construir conosco a partir de propostas deixadas nos comentários dos vídeos e que serão incorporados nos programas futuros. O “É o Bicho” será nosso espaço para trocar experiências sobre o trato e a relação das pessoas com os animais de criação. Além desses três blocos, o canal prevê flexibilidade para incorporação de outros por sugestão do nosso público. Desejamos que o canal traga um novo e diversificado olhar sobre a vida dos jovens do campo.

Público-alvo: Jovens e pessoas interessadas sobre a juventude rural

Sugestão de pautas: Cidadania e Participação política, educação, entretenimento e lazer, família e relacionamento, gênero e sexualidade, redes sociais, saúde, trabalho.

Endereço eletrônico (link) da proposta de canal:
<https://www.youtube.com/channel/UCTzLJzZXCLj1SzNWktX58g>

Episódio piloto (link): <https://www.youtube.com/watch?v=xLCxTCjS3TI&feature=youtu.be>

ANEXO B: Atribuições de cada membro da equipe Futuca a Tuia.

Colaborador: Orlando Nascimento

Qualificação: Videomaker e arte educador

Atribuições no canal Futuca a Tuia:

- Direção;
- Captação de imagem;
- Edição;
- Composição de trilha sonora;
- Montagem de trilha sonora;
- Legenda e remasterização;
- Apoio na elaboração das pautas dos programas;
- Elaboração do relatório de execução.

Colaboradora: Lívia Tavares Mendes Froes

Qualificação: Antropóloga e professora

Atribuições no canal Futuca a Tuia: Inicialmente na produção do canal e posteriormente como assistente de produção voluntária.

Como produtora e assistente de produção exerceu as seguintes atividades:

- Apoio na elaboração da proposta (escopo do projeto e orçamento),
- Organização das reuniões;
- Apoio na elaboração das pautas dos programas;
- Contato com participantes para os programas (definição de datas para as gravações);
- Revisão das legendas dos episódios;
- Divulgação dos episódios nas mídias sociais;
- Apoio na elaboração de relatório de execução.

Colaboradora: Ariele de Andrade Nunes

Qualificação: Técnica em Agroecologia

Atribuições no canal Futuca a Tuia:

- Apresentadora;
- Assistente de produção;
- Apoio na elaboração das pautas dos programas;
- Divulgação dos episódios nas mídias sociais;
- Apoio na elaboração do relatório de execução.

Colaborador: Wéliton de Souza Martins

Qualificação: Técnico em Agroecologia

Contribuições no canal Futuca a Tuia:

- Apresentador

Colaboradora: Maria do Amparo Gomes Carvalho

Qualificação: Engenheira Agrônoma, mestranda em Educação do Campo e professora.

Atribuições no canal Futuca a Tuia:

- Assistente de produção;
- Apoio nas gravações dos episódios;
- Apoio nas escolhas das pautas dos episódios;
- Articulação com participantes para os episódios;
- Apoio na revisão das legendas dos episódios;
- Divulgação dos episódios e do canal na mídia social.